GREVE

Somos todos bombeiros

Grevistas enfrentam repressão do Governo Cabral [pág 17]

Opinião Socialista

WWW.PSTU.ORG.BR NÚMERO 425 ▸ DE 9 A 29 DE JUNHO DE 2011 ▸ ANO 15

R$ 2

Opinião Socialista completa 15 anos

Leia encarte especial sobre a história de um jornal que sempre esteve ao lado dos trabalhadores

AMANDA GURGEL PERCORRE O PAÍS EM APOIO ÀS GREVES DOS PROFESSORES

Amanda visita Fortaleza, Rio de Janeiro, Florianópolis e Belo Horizonte para debater a educação, fortalecer as greves e impulsionar a campanha dos 10% do PIB [pág 4]

A SEGUNDA QUEDA DE PALOCCI

Saída de ministro é a primeira grande derrota do governo Dilma [pág 17]

Nem tudo são flores

O país vive um novo momento. No começo do mandato de Dilma Roussef, o horizonte parecia antever uma relativa tranquilidade para o governo: popularidade em alta, continuidade do crescimento econômico e ampla maioria no Congresso.

Por baixo, porém, em meio ao cotidiano dos trabalhadores, algo acontecia. A inflação comia o poder de compra. O crescimento da economia, por sua vez, não amenizava a desigualdade social nem os graves problemas do serviço público. Um descontentamento crescente explodiu na forma de greves e rebeliões, como entre os operários em Jirau e nas greves dos professores da educação país afora.

O discurso de protesto de Amanda Gurgel deu voz a essa nova situação. Assim como a mobilização dos bombeiros no Rio de Janeiro, que provocou uma repressão brutal por parte do governo de Sérgio Cabral (PMDB). Em meio a tudo isso, um novo escândalo de corrupção derruba Antonio Palocci, o homem mais poderoso do governo Dilma. Em pouco mais de seis meses de existência, nem tudo são flores para o governo.

Isso tudo você encontra nessa edição do Opinião, que está fazendo 15 anos e traz um encarte especial sobre nossa história. São 15 anos que fazem parte de uma tradição de quase quatro décadas de imprensa operária, expressão de um partido que não abandonou a luta pela revolução e o socialismo.

Nas páginas que ilustram nossa trajetória ou nas matérias que mostram uma perspectiva dos trabalhadores sobre os principais fatos da luta de classes, revela-se a importância de um jornal como o Opinião Socialista.

OPINIÃO SOCIALISTA
publicação quinzenal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Avenida Nove de Julho, 925
Bela Vista - São Paulo - SP
CEP 01313-000
Fax: (11) 5581.5776
e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

EDITOR
Eduardo Almeida Neto
JORNALISTA RESPONSÁVEL
Mariúcha Fontana (MTb14555)
REDAÇÃO
Diego Cruz, Gustavo Sixel, Jeferson Choma, Wilson H. da Silva
DIAGRAMAÇÃO
Victor “Bud”
IMPRESSÃO
Gráfica Lance
(11) 3856-1356
ASSINATURAS
(11) 5581-5776 *assinaturas@pstu.org.br www.pstu.org.br/assinaturas*

SAMUEL TOSTA

Somos todos

PSTU DO RIO DE JANEIRO

Os bombeiros do estado do Rio de Janeiro vivem hoje uma situação absurda. Apesar de serem trabalhadores muito respeitados pela população, recebem um dos menores salários do país, R$ 986. Há meses eles vêm tentando negociar com o governo, reivindicando um piso salarial de R$ 2 mil, vale-transporte, fim da política de gratificações e melhores condições de trabalho, mas só vinham recebendo negativas. Por isso, desde abril, decidiram dar visibilidade à sua luta, realizando manifestações pela cidade com a participação de milhares de bombeiros. Num desses atos, no dia 17 de maio, em que os oficiais médios começaram a aderir ao movimento, seis líderes foram presos, inclusive um dos principais, o cabo Benevenuto Dacciolo.

NEGOCIAÇÕES E PASSEATA

Vendo o crescimento da mobilização da categoria, o governo soltou os presos e marcou uma reunião de negociação. No encontro, ocorrido em 25 de maio, foi elaborado um cronograma de negociação, que tinha como prazo limite o dia 2 de junho. No dia 1º, uma representação dos bombeiros, juntamente com Cyro Garcia, da CSP-Conlutas e presidente do PSTU no estado, compareceu a uma audiência com a Secretaria Geral da Presidência da República, em que foram colocadas as reivindicações desses profissionais.

Na sexta-feira, 3 de junho, sem qualquer resposta do governo em relação às reivindicações, os bombeiros e seus familiares realizaram uma manifestação em frente à Assembleia Legislativa com cerca de seis mil pessoas e seguiram em passeata até o quartel central, onde fizeram uma assembleia. Decidiram então ocupar o quartel para forçar uma negociação com o comandante da corporação.

REPRESSÃO

O que se seguiu foi um show de covardia. O comandante do Corpo de Bombeiros se negou a negociar. Os bombeiros, por sua vez, disseram que não negociariam com a PM, e sim com o comando de sua corporação. O governo, na figura do comandante da PM, Mário Sérgio Duarte, ordenou a invasão no quartel pelo Bope (já que um setor da polícia tinha se recusado a fazê-lo), que entrou atirando com arma de fogo, jogando bombas de gás lacrimogêneo e usando spray de pimenta, sem se importar com os civis e crianças que lá estavam. Após longa negociação, os bombeiros aprovaram a rendição como tropa (ou seja, uma rendição coletiva), e então 439 deles foram presos. Uma esposa perdeu o filho (aborto indesejado), e os policiais que comandavam a operação se negaram a providenciar uma ambulância. Os presos foram para o quartel central da PM, depois para a Corregedoria, onde ficaram por mais de 16 horas sem alimentação, sem roupa de frio e sem a menor condição de higiene.

Até o fechamento desta edição, os profissionais do Corpo de Bombeiros estavam em greve, acampados na porta da Alerj (Assembleia Legislativa do Rio), exigindo, além de reivindicações salariais e melhores condições de trabalho, a libertação imediata dos 439 companheiros, sem nenhuma punição.

Solidariedade entre os trabalhadores

Desde o início do movimento, a CSP-Conlutas tem apoiado a luta dos bombeiros, fazendo cartas à população, convocatórias nos quartéis, adesivos, cartas de apoio, além de assistência jurídica aos presos, até a visita de Cyro Garcia ao quartel do Humaitá. Entendendo que a luta dos trabalhadores é a mesma, os bombeiros levaram sua solidariedade aos 13 perseguidos políticos que foram presos no ato contra Obama, por meio da presença do cabo Fausto de Paula, no ato realizado na ABI (Associação Brasileira de Imprensa) em 19 de maio.

Não é a primeira vez que Sérgio Cabral trata como criminosos aqueles que lutam pelos seus direitos. Foi assim com os profissionais de educação em 2009, que receberam bombas em sua manifestação; foi assim com as vítimas do Morro do Bumba, onde até crianças foram alvo do spray de pimenta; foi assim com os manifestantes contra a visita de Obama, em que a polícia prendeu 13 pessoas, em sua maioria militantes do PSTU, e as manteve em presídios.

A luta dos bombeiros continua, com cada vez mais apoio da população. Basta ver a pesquisa da Folha de S. Paulo que afirma que 85% da população apoia essa luta. Por isso, hoje a população carioca foi chamada a demonstrar seu apoio, usando roupas vermelhas e colocando bandeiras vermelhas em suas janelas como sinal de protesto.

Somos todos bombeiros!

Libertação imediata dos 439 presos!

Negociação já, com atendimento de todas as reivindicações!

Nenhuma punição aos bombeiros!

“Governo vem dialogando com bombas e gás lacrimogêneo”

Leia abaixo entrevista com o cabo Cleber de Araujo Rosa, uma das lideranças do movimento

SAMUEL TOSTA

PSTU DO RIO DE JANEIRO

QUAIS SÃO AS REIVINDICAÇÕES DOS BOMBEIROS?

Cleber - Queremos piso salarial de R$ 2 mil, hoje nosso salário é de R$ 950. Queremos vale-transporte e fim da política de gratificação, que escamoteia a necessidade de aumento salarial.

QUAIS FORAM AS ATITUDES DO GOVERNO DO ESTADO EM RELAÇÃO ÀS REIVINDICAÇÕES DA CATEGORIA?

Cleber - Desde o início do movimento, tentamos cumprir a ordem hierárquica, mas o ex-comandante geral se negou a receber nossos representantes. E o governador manteve essa postura, tratando o movimento como desnecessário e ilegal.

Vem dialogando com bombas, gás lacrimogêneo, spray de pimenta e armamento letal. Está dialogando com o Bope contra os bombeiros.

EXPLIQUE O QUE OCORREU ENTRE SEXTA-FEIRA E A MANHÃ DE SÁBADO, DIA 3

Cleber - A afirmação do governo de que o movimento é de uma minoria e com motivação política se mostrou falsa. Havia milhares de bombeiros na sexta-feira. E hoje estamos na Alerj, num domingo, com uma grande mobilização de bombeiros, mesmo com a baixa de 439 presos políticos. Todos os problemas são única e exclusivamente resultado da falta de abertura de diálogo pelo comando geral da corporação e do governo do estado. A nossa movimentação já vinha há muito tempo, e as únicas respostas verbais que tínhamos do governador eram ironias e coisas sem importância. Isso fez com que nós, manifestantes, tivéssemos que nos esforçar cada vez mais para chamar a atenção da sociedade. Na sexta optamos por entrar no nosso quartel central para nos manter organizados, ter os ânimos e emoções sob controle e buscar abrigo. O governo do estado, vendo a ampla repercussão e o apoio do conjunto dos bombeiros e da sociedade, mandou o Bope e a tropa de choque, com todo o seu aparato, para tentar dispersar a mobilização. Diante da invasão no quartel, utilizando principalmente bombas de gás lacrimogêneo, muitos tiveram que sair para fugir do gás e não puderam regressar. Os que ficaram foram presos. Toda a violência dessa ação foi feita tendo mulheres e crianças no local.

QUAL É A SITUAÇÃO DOS PRESOS?

Cleber - Ontem advogados da OAB tiveram muita dificuldade para ter acesso aos presos políticos. Os celulares foram tomados. A falta de acesso que a PM impôs aos presos permitiu que eles ficassem sem as mínimas condições de permanência no local. Faltaram direitos básicos, como roupas, comida, banho, cama e acesso a banheiros. ■

“Repressão tem que acabar”

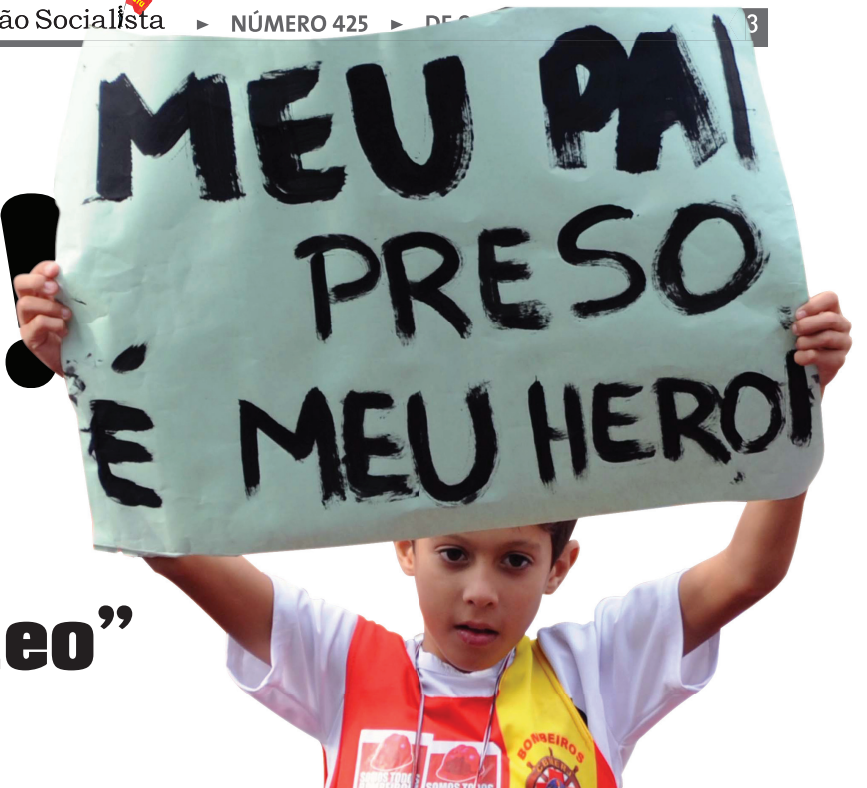
Cyro Garcia, presidente do PSTU-RJ, fala sobre a greve dos bombeiros

PSTU DO RIO DE JANEIRO

COM OS ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS, COMO ESTÁ A MOBILIZAÇÃO DOS BOMBEIROS E APOIADORES?

Cyro - O governo agiu com toda truculência contra uma movimentação legítima dos bombeiros. Hoje vários setores do movimento social vieram trazer solidariedade, todos os quartéis estão mobilizados. São 17 mil bombeiros mobilizados, respeitados pela população, que o governador trata como se fossem bandidos.

COMO O GOVERNO ESTÁ TRATANDO ESSA MANIFESTAÇÃO?

Cyro - A polícia de Sérgio Cabral já jogou spray de pimenta até em uma criança de quatro anos, no meio de uma mobilização dos moradores do Morro do Bumba. Agora mandou o Bope reprimir os bombeiros com bombas e tiros de fuzil. Ele faz isso contra todas as mobilizações de trabalhadores. Isso tem que acabar. Sérgio Cabral, com sua atitude fascista, está tratando os bombeiros com a violência que tem marcado seu governo.

“Temos orgulho desses heróis”

Leia a entrevista com a esposa de um dos líderes do movimento. Seu nome foi omitido para preservá-la

PSTU DO RIO DE JANEIRO

COMO ESTÁ A SITUAÇÃO DOS PRESOS?

Quando eles foram para a Corregedoria, todos ficaram sem acomodação em salas vazias, com alimentação limitada ao que os familiares passavam pelo portão. Comeram pão e guaraná, em vez de almoço e jantar. Depois, oito deles foram para o GEP [Grupamento Prisional dos Bombeiros], e os outros foram para quartéis normais. Hoje eu visitei meu marido no GEP, ele está bem. Lá é como se fosse uma prisão comum, com celas, e não temos acesso a eles. As visitas são duas vezes por semana, com tempo restrito, e não tem como ficar sozinho com o familiar.

QUAL E O SENTIMENTO DOS FAMILIARES?

Primeiro, é um sentimento de orgulho por ter esses heróis como parentes. Em segundo lugar, um sentimento de não poder reagir. Não temos informações e não podemos levar o que eles precisam. Nos sentimos perdidos.

O QUE AS FAMÍLIAS ESTÃO FAZENDO?

Estamos criando uma comissão para dar suporte aos familiares e dar orientações jurídicas. O Comando Geral da PM não deu nenhuma informação de onde eles estão. Por isso estamos organizando também um levantamento com os parentes para saber a localização dos detentos que estão sendo tratados como bandidos. A ideia é colocar todas essas informações no nosso site. ■

Amanda Gurgel percorre o país em apoio às greves dos professores

Professora do Rio Grande do Norte visita Fortaleza, Rio de Janeiro, Florianópolis e Belo Horizonte para debater a educação, fortalecer as greves e impulsionar a campanha dos 10% do PIB já para educação

AILSON MATIAS, de Nata (RN)

A visibilidade que o tema da educação ganhou após a massiva exibição da fala da professora Amanda Gurgel, durante uma audiência pública na Assembléia Legislativa no Rio Grande do Norte, rendeu convites para entrevistas e debates com a professora.

"Tamanha exposição na mídia local e nacional, para mim, não faria sentido se não fosse o objetivo fortalecer a luta em defesa da classe trabalhadora", afirma a professora. Amanda avalia que a importância da repercussão está na possibilidade concreta de contribuir junto com a CSP-Conlutas na articulação de um movimento unificado em defesa da educação pública e em da campanha dos 10% do PIB já para educação. "Tenho recebido convites de sindicatos e outras organizações do país inteiro e atenderei aos que puder desde que esteja clara a possibilidade de uma intervenção na mobilização e organização dos trabalhadores", diz.

JORNADA EM DEFESA DA EDUCAÇÃO

A professora iniciou a sua agenda no dia 25 de maio em Fortaleza, apoiando a greve dos professores municipais que ainda não iniciaram o ano letivo de 2011, devido ao não cumprimento do estatuto do magistério e da lei do piso. A professora Amanda ocupou, junto com os professores grevistas, a Câmara Municipal para barrar os ataques da prefeita Luizianne Linz (PT). A professora foi recebida com entusiasmo pelos professores, e chegou a discursar do alto da tribuna da Câmara.

Depois, no dia 28, Amanda Gurgel fez uma participação no Congresso do Sepe, o sindicato dos educadores do estado. Na sua fala, além de reforçar a campanha em defesa do investimento de 10% do PIB já para a educação, ressaltou a importância dos ativistas estarem atentos ao potencial de mobilização das redes sociais e, sobretudo a possibilidade de conciliação entre o modelo moderno – via web – e o modelo clássico – nas ruas – de mobilizar as massas.

Já no dia 30 de maio, Amanda foi a Florianópolis prestar solidariedade aos trabalhadores em greve. Ela participou de ato público que reuniu 2 mil professores e a sua intervenção acabou virando um debate em praça pública, no qual os cerca de mil professores compartilharam com a professora suas angústias, frustrações e questionamentos. "O custo de vida aqui é muito alto e eu nunca imaginaria que muitos deles ganham ainda menos do que ganhamos no Rio Grande do Norte. Mas me sinto muito orgulhosa por ver a mobilização que está sendo feita aqui. O governador deveria respeitar isso", disse em entrevista a uma rádio. Amanda foi carregada pelos professores, que exibiram ainda cartazes escritos "obrigado Amanda", em agradecimento ao apoio à mobilização no estado.

No dia seguinte, Amanda esteve em Belo Horizonte, onde iniciou seu dia na UFMG, em uma atividade organizada pela ANEL. O tema: o caos em que se encontra a educação em Minas Gerais e no Brasil. Foi mais uma ocasião em que os participantes compartilharam suas experiências e uma série de depoimentos como o de uma estudante de Letras, estagiária em escola da rede básica e filha de professora que disse que sua mãe "não consegue trabalhar só um turno para sobreviver, sempre trabalhou em casa nos finais de semana, ainda mais depois da implementação do boletim que a prefeitura utiliza como carro chefe de propaganda, e há 5 anos toma remédio para dormir".

À tarde Amanda participou de assembléia do Sind-UTE que deflagrou estado de greve com previsão para dia 8 de junho. À noite, ainda realizou palestra na sede do Sind-REDE, em que mais uma vez se manifestou o sentimento de identidade das pessoas com os elementos levantados pela professora.

Nesses dias agitados, Amanda Gurgel pôde constatar que, de norte a sul do Brasil, se repete a situação de caos sofrida pela professora no Rio Grande do Norte. Fato que, provavelmente, impulsionou a repercussão do vídeo.

Dia 16 vai ser dia nacional de luta

A Coordenação Nacional da CSP-Conlutas se reuniu nos dias 3 e 5 de junho em São Paulo e aprovou o próximo dia 16 como um dia nacional de luta. Os trabalhadores em educação poderão realizar atividades ao longo desse dia que expresse a mobilização do setor. Vale desde greve, assembleia, ocupações ou mesmo aulas públicas.

Realizar um expressivo dia 16 vai animar bastante as inúmeras lutas que ocorrem todo o país, seja na educação ou em diversas outras categorias.

A reunião da coordenação aprovou ainda a rejeição do Plano Nacional de Educação (PNE) apresentado pelo governo. A central deliberou a rejeição do plano "que materializa políticas privatistas e meritocráticas na educação". A CSP-Conlutas aprovou ainda a elaboração de uma proposta alternativa, que represente os interesses dos trabalhadores, inclusive dando conta da educação no campo.

A CSP Conlutas aprovou também a participação no "Plebiscito pelos 10% PIB para Educação já, rumos aos 15%", com data indicativa para o dia 7 de setembro.

Greves no país

Em vários estados, os professores se mobilizam e partem para a greve em busca de melhores condições. Professores de Santa Catarina, Sergipe, Alagoas, Rio Grande do Norte, Amapá estão parados. Quando fechávamos essa edição, os professores do Rio de Janeiro iniciavam sua greve por tempo indeterminado. Espírito Santo, Mato Grosso e Pernambuco estavam em estado de greve. Além disso, professores de diversos municípios como Fortaleza, também estavam parados.

Amanda agora tem blog!

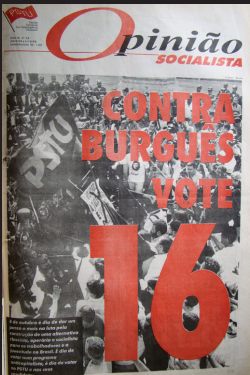
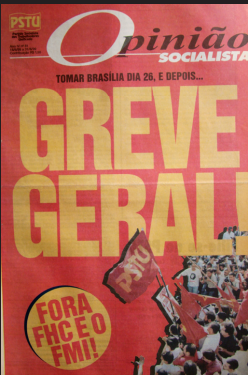
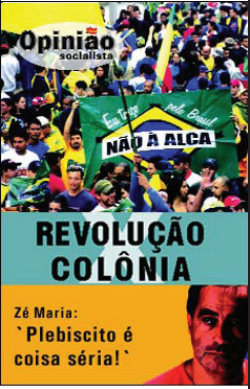
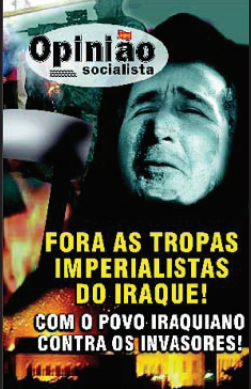
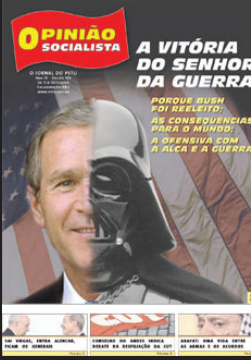
A professora Amanda Gurgel agora tem blog. Além de acompanhar a agenda e notícias da professora do Rio Grande do Norte, professores de todo o país poderão também gravar e enviar seus próprios vídeos, falando sobre a situação da educação em sua cidade e estado.

http://blogdaamanda.com.br/

Agenda

Confira onde a professora vai estar durante o mês de junho:
- Paraíba: dia 9
- Paraná: dia 11
- Brasília: dias 15 e 16 (manifestação dos servidores federais)
- Teresina: dia 18
- Rio de Janeiro: dias 23 e 24 (Congresso da ANEL)
- Recife: dia 28

ENCARTE ESPECIAL

15 ANOS

Nossa imprensa

O Opinião é herdeiro de uma tradição de mais de 35 anos de imprensa revolucionária no país

BERNARDO CERDEIRA,
jornalista, da Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional e primeiro editor do jornal "Convergência Socialista"

O jornal chega onde os militantes muitas vezes não conseguem chegar, e com ele, o partido. Por isso, nossa corrente sempre deu muita importância ao jornal. Nosso primeiro jornal foi o "Independência Operária", com seu primeiro número editado em 1974, na Argentina. Significou o ponto de partida para a construção no Brasil da corrente *Liga Operária*, que deu origem à *Convergência Socialista*. Foi publicado até o começo de 1978.

Os nomes dos jornais foram mudando, de acordo com o nome que nosso partido foi adotando em cada momento. Mas seu conteúdo e a seriedade com que era feito sempre permaneceu. Por isso, podemos nos orgulhar de ser uma das únicas correntes de esquerda no Brasil a manter por mais de 35 anos uma imprensa regular e acessível aos trabalhadores e estudantes.

Independência Operária: quatro anos de lutas!

Em fevereiro de 1974 nasceu o "Independência Operária". Escrito nas velhas e boas máquinas de escrever, tinha entre 6 a 8 páginas, saía quando dava, e era impresso em mimeógrafo, em papel sulfite. Os dois primeiros números foram impressos no exterior. Com uma apresentação gráfica muito boa, seu conteúdo dedicava-se a conjuntura em geral, refletindo o afastamento da luta de classes.

Mas nem por isso tinham uma visão incorreta da realidade. Em seu segundo número, de março de 1974, já trazia um chamado aos "trabalhadores, estudantes e todos os que estão contra a ditadura a lutar pela recuperação das liberdades democráticas" e pela defesa do nível de vida.

Somente seis meses depois surgiu a terceira edição, com modificações. De um lado, na forma: passou a ser totalmente feito no Brasil e, por não contar com infraestrutura, em mimeógrafo a álcool. Mas, por outro lado, mostrou que a partir daquele momento (outubro de 1974) começava a se integrar na luta de classes do país.

> Os nomes dos jornais foram mudando. Mas seu conteúdo e a seriedade com que era feito sempre permaneceu

O ano de 1975 se inicia com um violento ataque, contra vários militantes do PCB. O Independência Operária lançou um número especial e um manifesto, pela liberdade imediata dos presos.

Convergência Socialista na luta de classes

A partir de março de 1979 surge o "Convergência Socialista", tablóide com 8 páginas, em papel jornal. O número zero traz o artigo "Estamos aprendendo tudo de uma vez só", de Arnaldo Schreiner e Romildo Raposo, com a cobertura da greve metalúrgica em São Bernardo do Campo, São José dos Campos e Jundiaí. O número 1 sai em julho, com notícias sobre o Movimento Negro Unificado; e o número 2 na segunda quinzena, com matéria de capa sobre a Nicarágua, com o título "Todo Poder aos Sandinistas". O número 3, em agosto de 1979, traz editorial sobre a construção do Partido dos Trabalhadores.

Em junho de 1980 o jornal lança campanha nacional pela devolução do Sindicato do ABC. Seria "parte da luta pela independência dos sindicatos do Estado, para que não haja mais intervenções e interferências do governo dos patrões sobre os sindicatos". Noticia também o 1º Encontro Nacional do PT e defende "um partido classista, sem patrões".

Na primeira quinzena de julho, o Convergência analisa que o Brasil, a partir de 1977, vivia uma mudança na disposição das massas para lutar. A princípio entre os estudantes, e depois em setores do proletariado e na classe média. Na edição seguinte, debate o papel dos socialistas nesta conjuntura e exige eleições livres.

Em setembro de 1980, o CS 20 traz reportagem sobre o ato em homenagem a Trotsky, no dia 29 de agosto. O ato em São Paulo reuniu representantes da OSI (Organização Socialista Internacionalista), que publicava o jornal "O Trabalho", e da CS, além de trotskistas históricos como Hermínio Sachetta, Fúlvio Abramo, José Maria Crispim e Maurício Tragtenberg. O Rio de Janeiro também sediou um ato, com Mário Pedrosa e Edmundo Moniz, Elizabeth Huggins, e os ex-militantes da LCI (Liga Comunista Internacionalista), primeira organização trotskista no Brasil, Norma Muniz, Barreto Leite e Cursino Raposo.

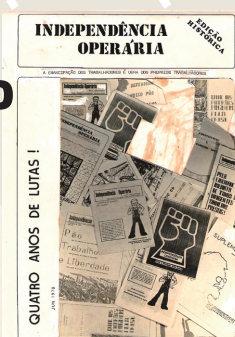
Alicerce e as Diretas já!

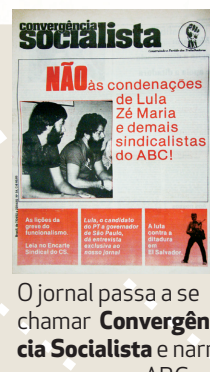
O "Alicerce" 31, em novembro de 1983, traz na capa: "Aqui, como na Argentina, eleições diretas para presidente". A campanha será mantida nos números seguintes. Em dezembro, o Alicerce anuncia a unificação de CS e "Alicerce" no "Alicerce da Juventude Socialista". "Nos unimos pela necessidade de construir um partido socialista e revolucionário, parte do combate pela construção de uma organização revolucionária dos trabalhadores do mundo inteiro: a IV Internacional".

Na edição 49, em abril de 1984, o jornal publica uma resolução política, apontando que a estratégia para derrubar a ditadura é greve geral pelas Diretas e contra a fome. Defende unificar a campanha das Diretas com mobilizações mínimas, as campanhas salariais, e o boicote ao colégio eleitoral. E, como propaganda, defende o não pagamento da dívida externa e Lula para presidente, com a palavra de ordem "por um governo dos trabalhadores".

O jornal explica a retomada da "Convergência Socialista": "Quando o ascenso dos trabalhadores se coloca no centro da situação política, o retorno da Convergência Socialista se faz necessário. Não somente uma organização para a juventude, mas a organização política vinculada às tradições da classe operária, uma ala socialista da CUT e do PT

Linha do tempo

Muitos jornais, uma só tradição

Impresso no exterior, em mimeógrafo, o **"Independência Operária"** é lançado em fevereiro de 1974. À esquerda, capa comemorativa dos 4 anos.

Militantes da *Liga Operária* participam da redação do jornal *Versus*, um dos principais veículos da imprensa alternativa, com forte conteúdo cultural e político. Entre 1978 e 1979, o jornal passa a se chamar **Versus-Convergência Socialista,** chamando um partido socialista.

O jornal passa a se chamar **Convergência Socialista** e narra as greves no ABC.

O jornal e a organização mudam para **Alicerce da Juventude Socialista**. A diagramação tem referência nos quadrinhos e fanzines e muitas ilustrações. Além da luta contra o regime, temas como juventude e comportamento.

1974 · 1975 · 1976 · 1977 · 1978 · 1979 · 1980 · 1981 · 1982 · 1983 · 1984

– enfim, a Convergência Socialista". A partir daí, o jornal volta a chamar-se Convergência Socialista.

CS e o ascenso sindical

O CS 8, de julho de 1984, aanlisa que o Brasil vivia uma onda de lutas revolucionárias, que decretavam a agonia do regime e poderiam tê-lo derrubado, não fosse a traição das oposições burguesas. Eram também lutas contra a fome, com ocupações de fábricas e que também começam a desmantelar a estrutura sindical pelega.

"Essa revolução começou com os gigantescos atos pelas diretas de antes de 25 de abril e segue agora com a onda grevista. O seu primeiro choque se dá contra o regime militar ditatorial, assumindo um caráter imediato de revolução democrática, para, em seguida, avançar dentro do processo de revolução socialista, para a derrubada da burguesia (...). Na verdade, o processo brasileiro faz parte da mesma onda revolucionária que derrubou as ditaduras boliviana e argentina e que hoje golpeia as ditaduras no Chile, no Uruguai e até mesmo no Paraguai".

"As mobilizações salariais que começaram em meio à campanha das diretas continuam generalizando os métodos mais revolucionários de luta. Assim, os bóias-frias incendeiam os canaviais, fazem piquetes armados e pequenos levantes: os operários tornam comum o método das ocupações de fábricas". Por fim sistematiza: Governo do PT, da CUT e da Conclat. Não pagamento da dívida externa. Assembléia Constituinte livre e soberana, já!

O CS 30 sai em março de 1985, logo após o IX Congresso da Convergência Socialista, o primeiro após a queda da ditadura. Prevê que o novo governo tentará frear as lutas e greves salariais. E lança a pergunta se a burguesia terá sucesso em deter as mobilizações, apoiada na expectativa dos trabalhadores com o governo de Tancredo Neves.

O CS 49, em julho de 1985, informa que o argentino Nahuel Moreno, expulso pela ditadura, volta ao Brasil. O principal dirigente da Liga Internacional dos Trabalhadores havia sido preso em 1978, após a convenção do Movimento Convergência Socialista. É extraditado para a Colômbia e impedido de retornar ao Brasil. Em 9 de julho de 1985, o decreto de expulsão é revogado pelo então presidente José Sarney, no Diário Oficial.

A partir do número 77, de março de 1986, o CS sai com um subtítulo: "Um jornal operário e socialista a serviço da CUT e do PT", e traz ampla cobertura das greves da classe trabalhadora e de sua reorganização, com a expulsão de pelegos dos sindicatos. O CS 83 (maio de 1986) inicia série de artigos sobre a Constituinte, debate que tomava conta do país e que resultaria na Constituição de 1988.

Uma opinião socialista

Em junho de 1996 nascia o Opinião Socialista, novo jornal do PSTU. Durante dois anos, desde a fundação do partido, o "Jornal do PSTU" ocupara o honroso posto de um dos mais regulares órgãos de imprensa da esquerda brasileira e fora fundamental para a consolidação desse novo partido e o seu projeto de defesa intransigente das reivindicações dos trabalhadores diante da ofensiva neoliberal e de defesa do socialismo. Mas a historia do Opinião não começa em 1996. Pode-se dizer que o jornal é herdeiro de uma longa tradição da imprensa revolucionária no país. Algo que muito nos orgulha, nestes seus 15 anos.

2011

2009 — Em junho, o **Opinião Socialista** publica uma edição especial sobre os 15 anos do PSTU. A edição tem duração de um mês, e vende cerca de 15 mil exemplares

2004 — Em maio de 2004, o **Opinião Socialista** inaugura uma nova fase, acompanhando a mudança na realidade do país, com o governo Lula. Passa a semanal, todo em cores, e em novo formato.

1996 — Em 31 de maio de 1996, é lançado o primeiro número do **Opinião Socialista**.

O ascenso nas Diretas Já, com onda de greves e luta contra os pelegos nos sindicatos aceleram a volta da **"CS"**, em maio.

1989 — No segundo turno (Lula X Collor), o **CS** assume uma versão agitativa, com menos páginas e formato *standart*, como nos principais jornais. O preço também é reduzido. A experiência dura até meados de 1990, quando começam os ataques do governo Collor.

1992 — A CS completa 18 anos e o jornal ganha novo projeto e uma campanha de assinaturas.

1994 — Nasce o **Jornal do PSTU**

Imprensa burguesa versus imprensa operária

Por trás do discurso da imparcialidade, a chamada grande imprensa esconde o seu real caráter de classe

"Deveria recorda-se sempre, sempre, sempre, que o jornal burguês é um instrumento de luta movido por idéias e interesses (...). Tudo o que se publica é constantemente influenciado por uma idéia: servir a classe dominante, o que se traduz sem dúvida num fato: combater a classe trabalhadora.

É preciso dizer e repetir que a moeda atirada distraidamente para a mão do ardina é um projétil oferecido ao jornal burguês que o lançará depois, no momento oportuno, contra a massa operária."

Antônio Gramisci, O jornal e os Operários

Jornal Nacional, 2 de junho. Logo no início, a notícia da greve dos trens da região metropolitana de São Paulo. Na reportagem, o drama de milhares de pessoas que ficaram a pé, sem ter como ir ao trabalho, ou obrigadas a enfrentar metrôs ou ônibus lotados. A matéria termina com um suspiro e o olhar reprovador de Fátima Bernardes.

Em seguida, cenas da repressão policial (ou "confronto") a um protesto de estudantes contra o aumento da passagem de ônibus em Vitória (ES). Fechando o bloco, o telejornal mostra sua visão sobre a greve dos professores estaduais da Bahia. "Setenta mil estudantes das universidades estaduais estão há dois meses sem aula", afirma com grave tom de voz a âncora global.

Por trás de reportagens supostamente isentas, surge uma mensagem bem clara, ainda que não dita de forma explícita por Fátima Bernardes ou William Bonner: greves só trazem prejuízos ao povo, e mobilização é sinônimo de transtorno público.

O Jornal Nacional é tradicional porta-voz dos interesses do poder, a ponto de o então ditador Médici ter declarado: "cada vez que ligo a televisão no Jornal Nacional, sinto-me feliz, porque no jornal da Globo o mundo está caótico, mas o Brasil está em paz. É como um tranquilizante após um dia de trabalho".

> Apesar de proibido, 21% dos senadores e 10% dos deputados federais detêm concessões de rádio ou TV

O telejornal da Globo é um símbolo, mas o exemplo pode ser generalizado para toda a chamada "grande imprensa". Todo ativista sabe que não existe imprensa livre ou imparcial. Ela sempre tem um lado. E a imprensa lida ou assistida pela maior parte da população, contraditoriamente, não atende aos interesses dessa maioria.

A mídia burguesa e o seu papel

A imprensa é um genuíno produto do capitalismo moderno. Surgiu e se expandiu com a própria burguesia, principalmente após a Revolução Industrial. Mas foi apenas no século 19 que o jornalismo adquiriu sua forma atual, com jornais de tiragem massiva, tornando-se não só um propagador de ideias, mas também um negócio rentável.

Um dos pioneiros da imprensa nos EUA, o empresário William Hearst, inspirador do filme "Cidadão Kane", tinha um lema: *"Ninguém perde dinheiro ao subestimar a inteligência do público"*. Expressa dessa forma o início da era dos tablóides sensacionalistas, verdadeiros instrumentos de alienação travestidos de informação.

Numa era em que os regimes despóticos das monarquias foram substituídos pela democracia liberal, tornou-se necessário criar eficazes ferramentas de propaganda ideológica. Foi preciso estender para toda a sociedade o domínio das mentes exercido antes pela velha Igreja Católica entre as comunidades de camponeses. Os meios de comunicação

deram a resposta a isso.

Porém, a mídia só iria se tornar um dos principais sustentáculos ideológicos da burguesia no decorrer do século 20, com o avanço dos meios de comunicação de massa. O cinema, o rádio e a televisão foram, nas sociedades industriais, fundamentais para o estabelecimento de um "consenso", que na verdade expressava a hegemonia da burguesia.

Assim como todos os setores da economia na fase imperialista do capitalismo, as empresas de comunicação também sofreram um violento processo de concentração. Hoje, existem grandes oligopólios com tentáculos em todas as vertentes de mídia. O dono da rede Fox, Rupert Murdoch, um dos homens mais ricos do mundo, é o Hearst moderno. Monopólios tomados agora também pelo capital financeiro, num entrelaçamento de interesses e poder em que já não se pode determinar quando começa um e termina outro.

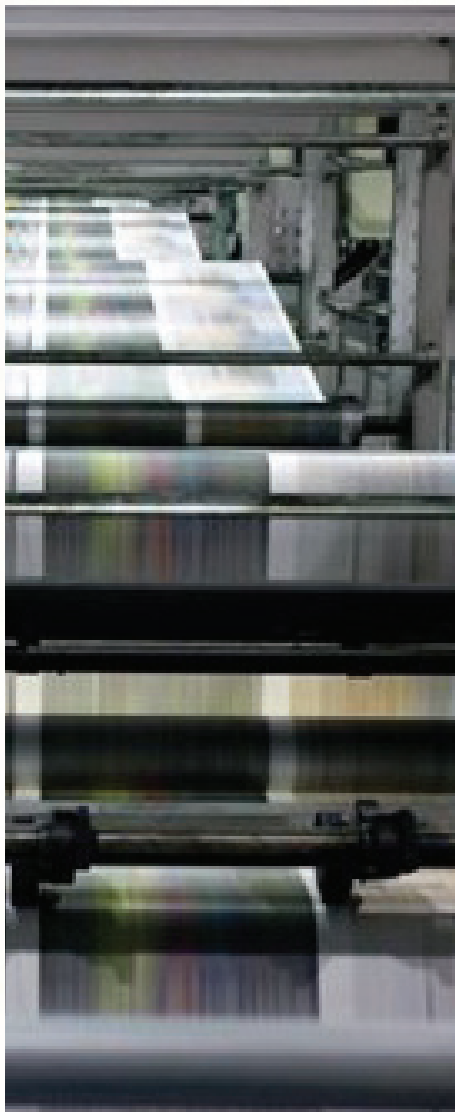
Atualmente, apenas 20 grandes transnacionais de mídia controlam quase toda a informação produzida no planeta, segundo o professor da UFF (Universidade Federal Fluminense) e estudioso da mídia Denis Moraes.

Monopólio e coronelismo midiático no Brasil

No Brasil, grandes monopólios de mídia dominados por poucas famílias convivem com feudos regionais, verdadeiros coronéis da mídia que se utilizam da imprensa para se perpetuarem no poder. Contam, para isso, com uma das legislações mais permissivas do mundo, que não coloca qualquer barreira à concentração no setor e à propriedade cruzada de veículos de comunicação. Assim, uma mesma família que controla um grande jornal, também pode ter emissoras de rádio e TV e um portal na internet.

Quando a legislação impõe certos limites, por outro lado, é devidamente ignorada. Como na propriedade de emissoras de rádio e televisão por parlamentares. Apesar de proibido, 21% dos senadores e 10% dos deputados federais detêm concessões de rádio ou TV, segundo levantamento do Transparência Brasil. Isso sem falar em políticos que passam o nome dessas concessões para parentes ou laranjas.

O mito da imparcialidade

No capitalismo, a mídia sob controle dos grandes conglomerados passa a visão de mundo da burguesia. Defende os interesses da classe dominante como os interesses de toda a sociedade. Foi assim, por exemplo, durante as privatizações ao longo da década de 90 no Brasil. A imprensa construiu um grande consenso em torno da necessidade da venda das estatais à iniciativa privada. Tornou-se ideia majoritária que o Estado era incompetente e perdulário e deveria ser "enxugado".

Sob o mito da imparcialidade, grande imprensa representa os interesses da burguesia

Campanha parecida pode ser observada hoje sobre a reforma da Previdência Social ou a "necessidade" de uma reforma trabalhista que torne o país mais "competitivo". A imprensa de forma geral não explica como funciona ou é financiada a Previdência pública, apenas se preocupa em alardear seu suposto déficit. A lógica se lê nas entrelinhas: é preciso uma reforma.

Não teria efeito algum, porém, se a imprensa burguesa assumisse de forma explícita a defesa desses interesses. Ao contrário, poderia causar uma reação inversa. É preciso esconder. Para isso foi elaborada uma grande ideologia própria à imprensa: o mito da imparcialidade e da objetividade jornalística. Um conjunto de técnicas desenvolvido para transformar um texto, ou um discurso, em "verdade". Segundo essa lógica, o jornalista seria um observador neutro com o objetivo apenas de divulgar os fatos tal como os percebe.

A estrutura do texto jornalístico que podemos ler, por exemplo, na Folha de S. Paulo ou em qualquer outro grande jornal, é copiada de um padrão consolidado nos EUA. São matérias impessoais, frias, com a objetividade de um documento de cartório. É o pacote que embala a ideologia burguesa. Não é à toa que o professor Perseu Abramo, editor da Folha no final dos anos 1970, afirmava que um jornal possuía a estrutura de um partido político, com suas teses e manifestos, mas de forma camuflada.

> Atualmente, apenas 20 grandes transnacionais de mídia controlam quase toda a informação produzida no planeta

Os trabalhadores e a imprensa

Desde que começaram a se organizar de maneira independente, os trabalhadores viram a importância de terem seus próprios meios de comunicação. Isso significa que a imprensa operária "surgiu com o próprio movimento operário", na definição de Maria Nazareth Ferreira, pesquisadora do tema.

Ela vai ter, assim, um desenvolvimento específico de acordo com o processo de formação do movimento dos trabalhadores em cada país. No Brasil, os primeiros jornais surgiram já no século 19, com as primeiras fábricas no irregular processo de industrialização do período. É uma imprensa que cresce com o movimento sindical, sob forte influência imigrante, sobretudo italiana, e de orientação anarcossindicalista.

Esse tipo de jornal chegou a ter certa força e influência. Segundo Vitor Giannoti, em 1919, período de grandes greves que agitaram várias capitais, foram criados dois jornais operários diários, "A Plebe", em São Paulo, e "A Hora Social", no Recife.

A partir da década de 1920, com a fundação do PCB e seu crescimento no movimento operário, o anarquismo deu lugar à imprensa comunista. Nos anos 1940, de 1946 a 1947, as principais capitais contavam com jornais diários do "partidão", com o carioca "Tribuna Popular" tendo uma tiragem de 20 mil jornais, comparável ou superior a certos jornais burgueses.

Já no período da ditadura militar instaurada em 1964, a chamada "imprensa alternativa" cumpriu um importante papel num momento em que os jornais dos partidos de esquerda eram clandestinos ou simplesmente não encontravam possibilidades de existir. Jornais como "Movimento", "Versus" e "Coojornal" funcionavam como verdadeiras "frentes jornalísticas", abrigando em suas redações jornalistas de distintas tendências políticas. Atuavam, sobretudo, na classe média e no meio estudantil.

No final dos anos 1970, com o início da queda da ditadura e o ascenso operário no ABC, a imprensa alternativa foi substituída por uma série de jornais das organizações que saíam da clandestinidade. Foi o caso da recém-fundada Convergência Socialista. Junto a isso, a imprensa sindical também ganhava novo impulso, com as oposições expulsando os pelegos das entidades.

Uma imprensa de esquerda

Pode-se dizer que a imprensa operária tem as suas próprias características, distintas da imprensa burguesa. Primeiro, se define de forma clara como uma imprensa que tem um lado. Não há disfarces nem ilusão de imparcialidade. Seus jornalistas são produzidos pelo próprio movimento operário. Assim, antes de jornalistas, são ativistas comprometidos com a classe trabalhadora.

O Opinião Socialista, apesar de seus breves 15 anos, se inscreve nessa longa tradição de imprensa operária. Uma tradição, infelizmente, abandonada pela quase totalidade das organizações que um dia reivindicaram a estratégia da revolução socialista, mas que com o passar dos anos se acomodaram com a perspectiva meramente eleitoral.

O anarquismo luta contra todas as formas de tirania, de exploração e de obscurantismo – e em prol de bem-estar e liberdade para todos

A PLEBE

PELA LIBERDADE COM O ANARQUISMO

VOLTANDO À LUTA

AGRAVA-SE A SITUAÇÃO

As reivindicações populares

A publicação regular de "A PLEBE"

Jornal anarquista do início do século XX, chegou a ter circulação diária

O que é o jornal?

A pergunta que surge é inevitável: em um mundo dominado pela internet, tem sentido a publicação de um jornal de papel?

HENRIQUE CANARY,
da Secretaria Nacional de Formação

O vídeo em que Amanda Gurgel cala os deputados estaduais do Rio Grande do Norte foi visto por quase 2 milhões de pessoas no Youtube. Sua entrevista no Domingão do Faustão foi transmitida para aproximadamente 40 milhões de telespectadores. Por outro lado, a edição do Opinião Socialista que tinha a mesma Amanda na capa foi de 9 mil exemplares, um número bastante reduzido, se comparado com os incríveis indicadores da internet e da TV.

> Não há mágica ou jogada de marketing que transforme o jornal de um partido revolucionário em um fenômeno editorial. O caminho para a influência de massas é longo e penoso, repleto de fracassos, saltos, avanços e paradas

A pergunta que surge é inevitável: em um mundo dominado pelas "novas mídias", tem sentido a publicação de um jornal de papel e ainda por cima com uma edição tão pequena? Não seria muito melhor abolir o jornal e investir todos os esforços em um grande site ou na produção de vídeos "virais", que se espalhassem rapidamente pela internet e levassem aos trabalhadores as ideias do partido? Por que, no início do século 21, os militantes do PSTU insistem em andar com um bolinho de jornais debaixo do braço e oferecê-los às pessoas?

Para responder a essas questões, é preciso entender o que é o jornal e qual o seu papel para um partido revolucionário.

Para que o jornal?

Qualquer operário sabe que é impossível trabalhar sem ferramentas. Por mais simples que seja a tarefa, ela não pode ser realizada sem a ajuda de algum tipo de instrumento: pá, enxada, prumo etc. Para um operário, usar as ferramentas disponíveis não é sinal de incapacidade ou inexperiência. Ao contrário, é uma demonstração de inteligência e bom senso. O que fariam, por exemplo, os operários de uma obra se vissem que o jovem servente que acabou de ser contratado não quer utilizar nenhuma ferramenta? Ele quer medir a largura das aberturas das portas com seus próprios passos, ao invés de usar a trena; quer fazer o reboco das paredes "no olho", ao invés de usar o prumo. Ora, é óbvio que os outros pedreiros iriam rir muito desse novo colega, e depois lhe dariam um conselho de amigo: "experimente usar ferramentas!"

Os operários utilizam ferramentas por um motivo simples: porque querem fazer um bom trabalho e não uma gambiarra. À medida que um trabalhador vai se qualificando em sua função, ao invés de abandonar as ferramentas, ele faz exatamente o contrário: quer cada vez mais e melhores ferramentas. O mestre de obras já não se contenta com o prumo normal. Ele sonha com o prumo eletrônico, ou quem sabe um dia o prumo a laser!

Com a atividade militante, acontece a mesma coisa: o "trabalho" do militante é a disputa política e ideológica na base em que ele atua (sua categoria, sua empresa, seu bairro etc). O jornal do partido é a ferramenta para esse trabalho.

Uma ferramenta para a agitação

"Disputa política" significa convencer as pessoas das ideias e propostas do partido revolucionário que não se resumem ao que acontece em uma empresa ou categoria. Ao contrário, elas dizem respeito, em primeiro lugar, à realidade nacional e internacional. Fora Palocci! Vamos barrar o novo Código Florestal! 10% do PIB já! Todo apoio à revolução árabe! Temos aí alguns exemplos de ideias e propostas de nosso partido para a atual conjuntura. As propostas de um partido revolucionário para uma fábrica ou empresa são apenas o reflexo de suas ideias e propostas mais gerais.

Mas como eu sei quais são as principais propostas do partido para a atual conjuntura? Quem me diz isso é o jornal, sobretudo em suas páginas centrais e no seu editorial. Por isso, a primeira função do jornal do partido é ser uma ferramenta para o militante fazer agitação política sobre sua base. "Agitação", como o próprio nome diz, é a arte de entusias-

mar as pessoas com duas ou três ideias centrais e convencê-las a agir: passar um abaixo assinado, fazer uma greve, montar barricadas nas ruas.

Se vou para uma assembleia ou se minha categoria está em greve, posso preparar minha fala em base aos principais artigos do jornal. Posso escolher dois ou três assuntos, ou me concentrar em apenas um. De qualquer forma, quem me diz quais são os temas mais atuais, mais importantes e quais as saídas que o partido propõe é o jornal.

Uma ferramenta para a propaganda

Mas por que exatamente somos contra o novo código florestal? Como assim Fora Palocci? De que jeito vamos tirá-lo de lá? Quem deve julgá-lo? Será mesmo possível destinar 10% do PIB para a educação? Não será demais? Não será melhor apoiar Kadafi para evitar que o imperialismo tome conta da Líbia? Como se vê, cada ideia ou proposta política leva a novas ideias e novas propostas, algumas bastante complicadas, que exigem mais dados, mais reflexão, mais informação.

Por isso, a segunda função do jornal é fazer propaganda revolucionária. "Propaganda" significa explicar detalhadamente alguma ideia ou proposta. Em uma assembleia ou ato público, onde as intervenções são curtas, ninguém consegue explicar nada. Um militante só tem tempo de saudar a luta, apontar alguns objetivos e propor duas ou três tarefas que ele considera importante. Mas ele tem uma saída: depois de falar no microfone, ele pode circular pelo plenário e oferecer o jornal do partido aos ativistas que o apoiaram ou demonstraram mais interesse. No jornal, esses ativistas encontrarão uma análise mais profunda da situação e muito mais detalhada. Eles saberão qual é o PIB do país, quanto o governo destina desse PIB para a dívida interna e externa e o que seria possível fazer com esses 10% se eles fossem investidos na educação.

Assim, em base ao jornal, um operário pode conversar sobre educação com um bancário e este pode conversar sobre a Líbia com uma professora; um nordestino pode conversar com um carioca sobre as enchentes em São Paulo e nas plataformas de petróleo o assunto do momento pode ser a greve dos trabalhadores da CSN. O jornal torna-se, dessa forma, um elo político entre as distintas categorias e regiões. O operário, o bancário, a professora e o petroleiro entenderão que seus problemas são os de todo os trabalhadores e que seus inimigos são os mesmos em toda a parte: os governos de plantão, a burguesia e o imperialismo.

Uma ferramenta para construir e organizar o partido

Ao unificar o trabalho de agitação e propaganda, o jornal assume uma terceira e importantíssima função: a de "organizador coletivo" como dizia Lênin, de ferramenta para a construção partidária.

Se quero ganhar uma pessoa para o partido, lhe ofereço o jornal e a procuro para saber o que achou, quais são suas dúvidas, de quais campanhas está disposta a participar. Se tenho três ou quatro leitores fieis e que concordam com o partido, posso propor a eles nos reunirmos uma vez por semana para discutir o jornal e organizar alguma atividade. Já formei um novo núcleo. A partir daí o jornal será ainda mais importante. É ele que me diz por onde devo começar minha reunião, quais são as campanhas nas quais o partido está engajado, quais as tarefas que o movimento está realizando e como meu núcleo pode ajudar.

Em base a algum artigo do jornal, surge uma bela conversa na hora do almoço, na sala de aula ou mesmo ao pé da máquina. Como nessa conversa eu não soube responder a várias perguntas que meu colega me fez, volto para a reunião de núcleo e tiro minhas dúvidas, me preparo com novos argumentos para uma nova conversa. Me torno um militante ativo, influencio pessoas, organizo meus companheiros. Com aqueles que não concordam comigo, continuo mantendo boas relações e também vendo o jornal. Quem sabe um dia concordem. O partido cresce, se estrutura. Ao final, me torno aquilo que todo o militante revolucionário deve querer ser: um porta-voz dos oprimidos e explorados, uma referência política, um líder do povo.

Uma ferramenta para a educação política e ideológica

Em quarto lugar, o jornal pode e deve cumprir um papel de educador político e ideológico. A burguesia ensina aos trabalhadores tudo que é necessário para que eles cumpram suas tarefas: matemática, química, geometria, física, planilha excel etc. Ela sabe que os trabalhadores podem compreender e utilizar os mais modernos mecanismos da tecnologia, operar as mais complexas e perigosas máquinas. Mas ao mesmo tempo ela enfia na cabeça deles que eles são incapazes de entender a sociedade em que vivem: que a filosofia é chata, que a história é inútil, que a economia é complicada demais.

Um jornal revolucionário pode e deve falar de tudo isso. Ele deve ser um instrumento para propagar as ideias do socialismo, que é a ideologia da classe operária, a ciên cia de sua libertação. No jornal de um partido revolucionário os trabalhadores devem encontrar respostas para as perguntas mais profundas de nossa vida social: como eles são explorados, por que acontecem as crises econômicas, qual a razão dos conflitos no Oriente Médio.

O verdadeiro significado do jornal

A influência ou o tamanho da tiragem do jornal depende da influência e do tamanho do partido. Não há mágica ou jogada de marketing que transforme, de repente, o jornal de um partido revolucionário em um fenômeno editorial. O caminho para a influência de massas é longo e penoso, repleto de fracassos, avanços e paradas. Para que o jornal conquiste milhões de leitores, o próprio partido precisa conquistar milhões de corações e mentes. Isso só será possível com um árduo e paciente trabalho de agitação, propaganda, construção, organização e educação política.

Dissemos que o jornal é uma ferramenta. Mas essa definição é incompleta. Se o jornal faz tanta coisa, ele é muito mais do que um simples instrumento. Se divulgar o jornal é divulgar o partido; se agitar as palavras de ordem do jornal é agitar as palavras de ordem do partido; se organizar meus companheiros em torno ao jornal é organizá-los em torno ao partido; se a alma do partido exala de suas páginas, então a conclusão é transparente como água e descobrimos com isso a verdadeira essência do jornal: ele é o próprio partido.

Os outros partidos e seus jornais

No passado, cada partido da classe trabalhadora tinha o seu jornal. O que aconteceu com essas publicações? Se o jornal é tão importante, por que, então, o PSTU é praticamente a única organização de esquerda que mantém um jornal regular?

As organizações reformistas e burocráticas, como o PT e o PCdoB, não publicam jornais porque não se preocupam em elevar a consciência política e o nível de combatividade dos trabalhadores, porque se adaptaram aos gabinetes parlamentares, aos aparatos sindicais burocratizados e ao Estado burguês. Ora, para quê discutir Iraque e Afeganistão se isso não me ajuda e eleger deputados e vereadores? Para quê explicar aos trabalhadores o caso Palocci se isso questiona o governo Dilma, que "me deu um carguinho e me paga um dinheirinho?"

Outras organizações, como o PSOL, por exemplo, não têm jornal por um motivo distinto: porque são formadas por correntes que quase nunca concordam em nada entre si. Um jornal editado pelo PSOL não poderia se posicionar sobre a situação em Cuba, sobre as traições da CUT ou sobre a legalização do aborto porque dentro desse partido não há acordo sobre esses assuntos, e nenhuma das correntes aceita se submeter à vontade da maioria. Ele seria mudo diante dos principais fatos da luta de classes.

Assim, onde muitas vozes se calaram, e onde outras jamais se levantaram, o Opinião continua emitindo seus acordes dissonantes. E isso há 15 anos!

Saiba mais

Lênin e o Jornal

Em seu livro, "Que Fazer?", em 1902, Lênin formulou as principais ideias a respeito do jornal do partido revolucionário. Seu objetivo era luta implacável contra as tendências sindicalistas e reformistas que se expressavam em vários círculos social-democratas da época (os chamados "economicistas"). Para Lênin, era essencial a criação de um "órgão central" de propaganda, agitação e organização em todo o país. Funcionando como um verdadeiro intelectual coletivo, o jornal do partido criaria as condições para uma prática política verdadeiramente revolucionária, superando o mero sindicalismo. *"Sem este órgão de imprensa, o trabalho local seguirá sendo um trabalho 'artesanal' estreito. A formação do partido ' se não se organiza um jornal determinado, que represente acertadamente a este partido ' se reduzirá em grau considerável a simples palavras."* (Lênin - Sobre imprensa).

O jornal e as novas mídias

Qual é o papel que as novas mídias podem desempenhar na luta dos trabalhadores?

GUSTAVO SIXEL E JEFERSON CHOMA,
da redação

Não há dúvidas sobre a importância do uso das nos mídias difundidas na internet para o fortalecimento e divulgação da luta dos trabalhadores, além da agitação das propostas do partido revolucionário. Um exemplo bastante contundente ocorreu no início deste ano com o processo revolucionário egípcio. A revolução derrubou o governo corrupto e ditatorial de Mubarak.

O assassinato do jovem Khaled Said, preso, torturado e morto pelos agentes da repressão do regime, em junho do ano passado, comoveu todo o Egito. Seu rosto ensanguentado, seu nariz, maxilar e dentes estraçalhados se tornam uma imagem chocante que expôs toda a brutalidade da polícia de Mubarak. Para protestar contra o brutal assassinato, outro jovem, Wael Ghonim, criou no Facebook uma página de protesto chamada "We Are All Khaled Said" ("Somos todos Khaled Said"), cuja versão em árabe reuniu mais de um milhão de pessoas. Wael Ghonim talvez não imaginasse o que estaria por vir...

Em janeiro de 2011 os ventos do levante na Tunísia finalmente permitem o começo da revolução egípcia em 25 de janeiro. É nesse dia que se inicia a jornada de protestos que culminariam na derrubada de Mubarak. Todos os protestos foram articulados a partir das redes sociais e do micro blog Twitter. Mundo afora, #25jan ou #tahir, naligagem das tags se tornam um símbolo das jornadas revolucionárias.

A revolução do Egito foi a primeira na qual a internet ocupou um papel de suma importância. A tal ponto de, como nos contou na época Luiz Gustavo, enviado do Opinião Socialista ao Cairo, a multidão na Praça Tahrir se espremer para poder tocar e beijar o jovem Wael Ghonim.

Evidentemente que a revolução ocorreu a partir de toda uma base real sobre a qual a tecnologia e as redes puderam contribuir para a revolta. "As mídias sociais desempenharam um papel importante, mas não foi a raiz. Dizer 'uma página de Facebook começou a revolução' é uma narrativa que não tem nenhuma verdade", revela Aalam Wassef, um dos jovens ativistas que convocaram os protestos, em entrevista ao pesquisador Howard Rheingold. "O sentimento revolucionário e a raiva começaram nas fábricas e nas casas, ou melhor, na favela. Com uma pressão econômica enorme", sentencia Wassef.

> Utilizada como ferramenta integrada à luta real dos trabalhadores, a tecnologia e as redes podem proporcionar episódios fantásticos como o do Egito. Ou ainda, revelar a superexploração dos trabalhadores.

Qualquer mudança na estrutura social não acontece a partir da vontade e desejo, mas apoiada em uma situação concreta, na realidade de um povo e de seu tempo. Obedece a uma aritmética própria, com fatores como a situação da economia, as contradições sociais, a forma como o poder é exercido etc. E também, do nosso lado, como os trabalhadores e a classe operária se organiza, não só em sindicatos, DCEs, mas principalmente em suas direções políticas, suas organizações e partidos, que almejam o poder político da sociedade.

Assim, as novas mídias foram habilmente articuladas com a realidade política que se apresentava no Egito. E o ditador Mubarak ficou tão assombrado como poder de comunicação dos meios digitais que foi obrigado a "derrubar" a internet de todo o país por vários dias.

Imagens tiradas durante as revoluções árabes. As redes sociais cumpriram um papel fundamental nas revoluções árabes

Usar novas mídias é uma necessidade

Utilizada como ferramenta integrada à luta real dos trabalhadores, confrontada com as condições existentes, a tecnologia e as redes podem proporcionar episódios fantásticos como o do Egito. Ou ainda, podem revelar a superexplo-

PSTU na Rede

1996
Partido cria sua primeira página, ainda em um endereço gratuitos de hospedagem, comum na época. Ainda não havia Google e sites eram registrados em ferramentas de busca, como o 'Cadê". O PSTU foi um dos primeiros a entrar na web, junto com o PT.
Site era muito simples, com formas de contato, conteúdo do jornal e textos urgentes.

2000
Em fevereiro, o site é refeito. Ganha ainda versão em inglês, com apresentação do partido e resumo das greves metalúrgicas. Mural de mensagens, Fórum de Debates e a Lista PSTU Discute permanecem com destaque.

A novidade é a criação de uma área "últimas", reunindo o que havia de novo no site. No entanto, atualização segue irregular.

2001
Nova reformulação. Desta vez, adota-se visual mais limpo, com um menu completo à esquerda. O conteúdo do Opinião continua sendo o carro-chefe. Site começa a cadastrar e-mails. Mantém a sala de bate-papo no IRC, no canal #socialismo

2002
Site é completamente refeito, com projeto gráfico e editorial muito superior ao das demais organizações e partidos na época. Adota as cores vermelho e amarelo ao site, um menu horizontal e dá destaque ao Fala Zé Maria. Também incorpora novidades como especiais (campanhas), enquetes, galerias de fotos e o uso de banners.

Logomarca do partido é unificada, a partir do site, e cria-se uma versão especial para anos eleitorais, com o 16 junto.
Lançamento é feito no Fórum Social Mundial, com cartaz e folheto.
Em agosto, a candidatura de Zé Maria, com o eixo do Não à Alca e o FMI, ganha site próprio, com cobertura da campanha nos estados e repercussão na imprensa. Também oferece download de materiais.

2003
Portal faz sua segunda cobertura, direto do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre.
Neste ano, também lança o seu boletim eletrônico. Hoje quinzenal, é enviado para cerca de 25 mil endereços.

2005
Portal sofre reformulação em janeiro, adequando a primeira página e editorias para receber atualização permanente e conteúdo próprio do site.

2006
Partido cria conta no Youtube, disponibilizando programas eleitorais. Na semana da eleição, site oferece "cola virtual", para internautas montarem sua lista para o dia das eleições.

2007
Ano marca o reforço na atualização do conteúdo, que passa a ser diária.
Em março, portal faz transmissão ao vivo do ato em homenagem a Nahuel Moreno, no Memorial da América Latina. Evento é visto em 21 países.
No segundo semeste, partido faz chat com membros da delegação que visitou o Haiti e lança especial sobre o aniversário da Revolução Russa.

O blog Molotov, feito por militantes do Ceará, entra para o portal, como blog do partido.

2008
Editora Sundermann passa a vender livros pela internet.

2009
É lançado o Arquivo Leon Trotsky e o site da Liga Internacional dos Trabalhadores é reformulado e ganha versões em quatro idiomas.

2010
Nas eleições, partido cria site especial para a campanha Zé Maria presidente. Twitter é um dos fenômenos da campanha e principais candidatos do partido passam a enviar mensagens para a rede.

Partido lança a TV PSTU e a primeira página do site é adaptada, para receber conteúdo em vídeo.
Regionais criam sites próprios, como Rio de Janeiro, Brasília, Rio Grande do Sul e MInas Gerais.

2011
Em janeiro, logo após o programa de TV do partido, a tag #PSTU aparece entre as 10 mais do Twitter, junto com o #naoaoaumentodosdeputados. O feito se repetiria algumas vezes, inclusive recentemente, após a ida de Amanda Gurgel na TV, após seu vídeo no Youtube ter sido visto por milhões de pessoas.
PSTU e a juventude do partido criam suas páginas no Facebook.
Campanha pela liberdade dos presos do Consulado lança site.

VEJA NA TV PSTU:
15 anos do Opinião
Os 15 anos do Opinião Socialista também serão contados em um vídeo no portal, através de depoimentos de ex-integrantes da redação, capas marcantes e muitas histórias. Confira!

ração que os trabalhadores são submetidos, além de divulgar suas lutas. Foi o que aconteceu com o vídeo da professora e militante do PSTU Amanda Gurgel no Youtube. O vídeo com o desabafo da professora causou uma comoção nacional. Milhares de professores, pais, alunos e da população em geral se identificaram com as palavras de Amanda. Todos sentem na pele a precariedade da educação, as salas superlotadas, a falta de infraestrutura, os salários baixos etc. Por meio do repentino sucesso do vídeo, a professora Amanda está divulgando as greves e lutas dos professores do país, além de defender a bandeira da aplicação imediata de 10% do PIB na educação, ou como se diz no universo do Twitter #dezporcentodopibja.

A utilização das novas mídias se tornou uma necessidade para a luta dos trabalhadores. Uma ferramenta poderosa para furar o bloqueio imposto pela grande mídia burguesa e atingir milhões.

Lênin também se preocupou em alertar os bolcheviques sob o advento das novas tecnologia de comunicação e a importância de utilizá-las. Na sua época, o rádio proporcionava uma revolução em comunicação comparável a internet de nossos dias.

Depois que os bolcheviques tinham tomado o poder, Lênin escreveu uma carta para Mikhail Alexandrovich Bonch-Bruyevich, inventor na área de radiodifusão. Nela o revolucionário russo elogia as pôtencialidade do rádio e afirma que com esse "jornal sem papel e sem distâncias, com os alto-falantes e receptores feitos por B. Bruyevich, poderemos conseguir centenas de ouvintes e toda a Rússia escutará o jornal lido em Moscou". Em outra carta, Lênin chega a dar uma "bronca" em Dovgalevsky, comissário do povo para os correios e telégrafos, que não estaria tratando a difusão do "jornal sem papel" com toda a atenção que merecia.

Superação do jornal impresso?

É bem comum escutar que o advento da internet está suplantando os veículos convencionais, como o jornal impresso, que estaria às vésperas de se tornar obsoleto. Mas seria possível que apenas a internet realizasse o papel de agitador, propagandista e organizador coletivo como propunha Lênin sobre o papel do jornal? Como se faria com os trabalhadores que não têm acesso à internet?

A internet, o Facebook, o Twiter e o Youtube são muito importantes e devem, sim, ser utilizados por um partido que queira atingir as grandes massas. Mas eles não substituem o jornal de papel por um motivo muito simples: a política revolucionária e a militância socialista são atividades essencialmente humana, é uma relação entre trabalhadores feitos de carne e osso. É algo para ser dito olho no olho. Disputar a consciência das pessoas não significa apenas divulgar ideias, coisa que pode e deve ser feita também pela internet, mas em primeiro lugar, participar da vida e das lutas dos trabalhadores. Isso não se faz em casa, diante de um computador, mas sim em cada local de trabalho, estudo e moradia. Em todas essas frentes de batalha, está presente o militante revolucionário, armado com seu jornal.

Além disso, é importante lembrar que o uso de novas mídias encontra uma barreira que é a exclusão digital de aproximadamente 100 milhões de brasileiros (65 % da população, segundo o IBGE). Essa é uma barreira concreta que não pode ser ignorada por todos aqueles que almejam alcançar os setores mais explorados da classe operária. Como é impossível distribuir Tablets e Notebooks nas assembleias, escolas e fábricas, o jornal continua sendo para esses trabalhadores a principal forma de acesso as propostas do partido revolucionário.

A internet cumpre um papel de extrema importância. Devemos dedicar todos os esforços para dominar a tecnologia e a linguagem que surge, tendo, porém, consciência de suas limitações. O jornal, por sua vez, continua sendo o centro de toda uma rede de comunicação, da atividade de propaganda, da agitação e organização do partido. É o centro de uma rede, de um sistema de comunicação cujo objetivo é aproximar os trabalhadores das posições revolucionáriaoss. No entanto, tal objetivo não pode ser plenamente realizado sem o apoio do "jornal sem papel" dos nossos tempos.

Trotsky e a imprensa operária

Para Trotsky, a imprensa revolucionária era tão fundamental que acabou se confundindo com sua própria vida

CECÍLIA TOLEDO,
jornalista e integrante das redações dos jornais Versus, Convergência Socialista e Opinião Socialista

A imprensa revolucionária sempre teve um papel de suma importância para os marxistas e para construção do partido revolucionário. Mas como fazer com que o partido mantenha uma boa imprensa, um bom jornal, como ampliar o espaço e a influência da imprensa revolucionária entre os trabalhadores, como escrever artigos claros e ao mesmo tempo atraentes, que prendam a atenção de nosso leitor, como disputar o espaço na consciência da classe trabalhadora com a imprensa burguesa? Essas e outras questões sempre fizeram parte das nossas preocupações. Sempre procuramos descobrir o segredo de fazer um jornal que fosse uma ferramenta de aglutinação dos militantes, de enlace entre aqueles que estivessem dispostos a lutar pela revolução socialista.

Uma das melhores evidências do papel essencial de uma boa imprensa revolucionária encontramos em Leon Trotsky. Para ele, a imprensa revolucionária era tão fundamental que acabou se confundindo com a sua própria vida militante. A cada passo em sua intensa trajetória de intelectual marxista e militante revolucionário existiu um jornal, às vezes dois, até mesmo três. Fosse na prisão, fosse no exílio, na guerra ou dentro do trem blindado correndo em alta velocidade para combater a contra-revolução, Trotsky nunca perdeu a chance de escrever para um jornal.

Lênin, que considerava essa uma das tarefas mais difíceis do partido - criar um jornal popular - viu na entrada de Trotsky no Partido Bolchevique a solução para esse problema.

Enfatizava o fato de que a criação de um órgão popular para esclarecer a política do partido para as massas era uma tarefa que exigia uma grande experiência. *"Por isso o CC quer conseguir a colaboração do camarada Trotsky, que teve êxito na criação de seu órgão popular Rússkaya Gazeta"*, dizia.

Mas ao contrário de Lênin, Trotsky deixou poucos escritos sobre a questão do jornal. Um deles é O jornal e seu leitor (em Questões do Modo de Vida) onde ele insiste no cuidado que devemos ter na apresentação de nossos jornais. Mas se vamos investigando os seus passos, podemos encontrar boas pistas sobre seu trabalho nos jornais, suficientes para acreditar que não havia nenhum grande segredo nele, apenas uma boa dose de sensibilidade e uma confiança absoluta na classe trabalhadora e na força das idéias revolucionárias.

Obviamente que do tempo em que Trotsky viveu e militou até hoje, a forma de fazer e distribuir um jornal operário mudou muito. Mas o objetivo desse jornal continua praticamente o mesmo.

> "Eu me sentava para escrever os panfletos ou os artigos, que depois eu mesmo me encarregava de copiar em letra de fôrma para o gráfico. Ainda não sabíamos que existiam as máquinas de escrever. Me preocupava em traçar as letras com a maior meticulosidade"

Os primeiros jornais

O primeiro jornal feito por Trotsky chamava-se Nashe Delo (Nossa Causa). Era um jornal clandestino e circulava pelas fábricas da cidade de Nikolaiev, na Rússia, onde funcionava a União de Operários do Sul da Rússia. Essa organização foi fundada por Trotsky em 1897, junto com seus amigos estudantes e um grupo de operários. Tinha cerca de 250 membros, a maioria trabalhadores manuais.

É bom enfatizar a importância que Trotsky atribuía à qualidade e à apresentação gráfica dos panfletos e jornais que faziam, e o extremo cuidado com que escrevia os textos. Ele conta: *"Eu me sentava para escrever os panfletos ou os artigos, que depois eu mesmo me encarregava de copiar em letra de fôrma para o gráfico. Ainda não sabíamos que existiam as máquinas de escrever. Me preocupava em traçar as letras com a maior meticulosidade, pois tinha o prurido de que nenhum operário, ainda que só soubesse soletrar, deixasse de entender os panfletos e manifestos saídos de nossa 'imprensa'. Cada página me custava duas horas pelo menos. Às vezes passava semanas inteiras com as costas dobradas e só me levantava da mesa para assistir a alguma reunião ou dar um curso para os operários. Ficava feliz quando chegavam os informes das fábricas e oficinas contando a ansiedade com que os operários devoravam aquelas folhinhas misteriosas com letras em cor violeta, passando-as de mão em mão e discutindo acaloradamente seu conteúdo. Para eles, o autor desses panfletos devia ser um personagem importante e misterioso, que sabia penetrar em todas as indústrias, que averiguava tudo o que ocorria entre os operários e se adiantava aos acontecimentos por meio de uma folhinha nova ao cabo de vinte e quatro horas"*.

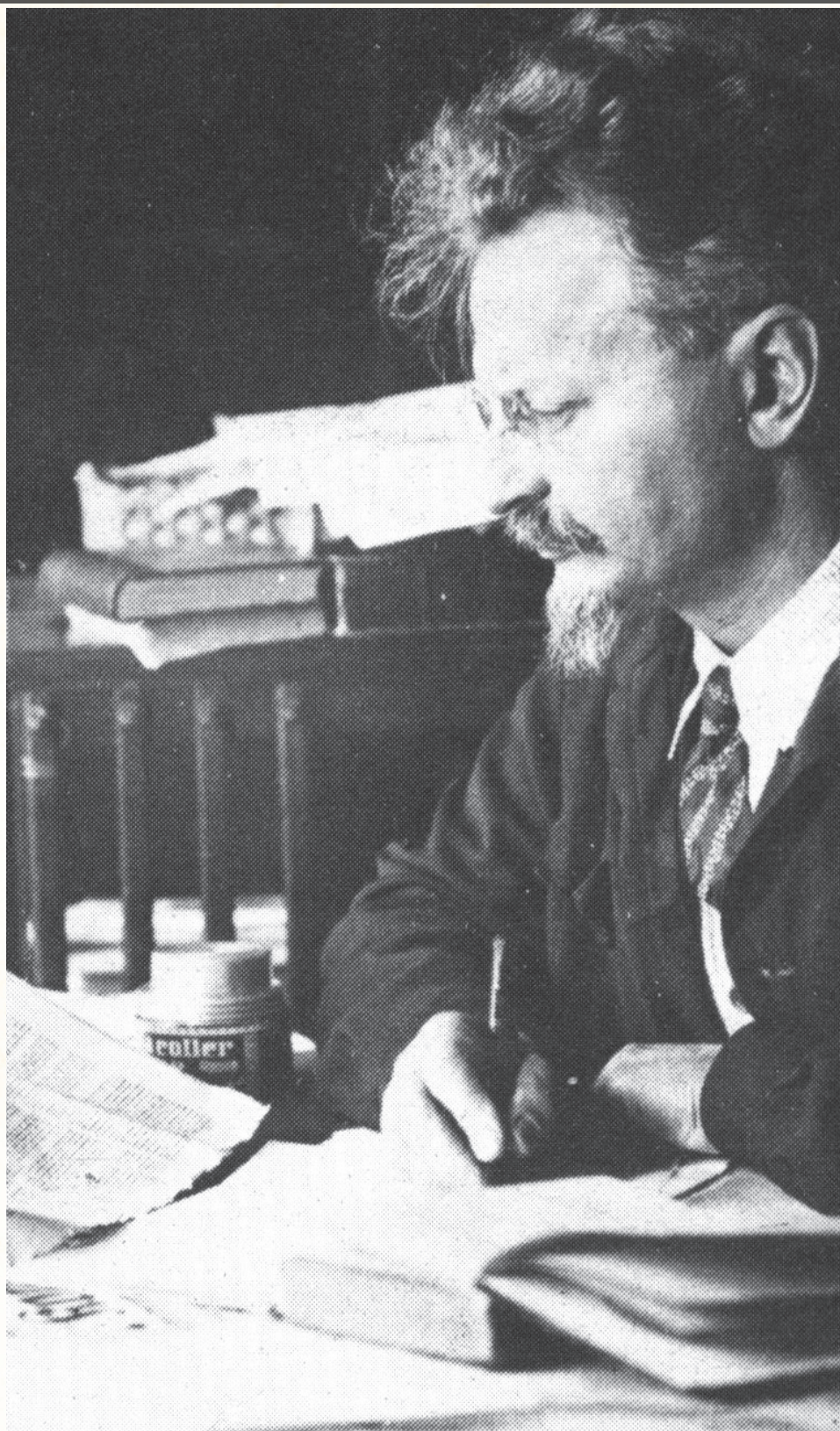
O Nashe Delo ia muito bem e tinha grande acolhida entre os operários de Nikolaiev. Mas em janeiro de 1898, Trotsky foi preso e deportado para a Sibéria.

Um jornal atrás do outro

Em 1902, Trotsky fugiu da Sibéria e foi para Londres, onde filiou-se ao grupo de social-democratas russos, dirigido por Lênin. Aí, colaborou na redação da Iskra (Faísca), jornal encabeçado por Lênin, Martov e Vera Zasulich.

No processo revolucionário de 1905, ele teve uma participação tanto teórica quanto prática. Fez trabalho de agitação e uma intensa atividade propagandística. Escreveu em três jornais ao mesmo tempo: a pequena Russkaia Gazeta (Gazeta Russa), que publicava junto com Parvus, e que transformaram em um órgão de luta das massas. Em poucos, o jornal passou de 30 mil para 100 mil exemplares vendidos, tendo atingido a tiragem de meio milhão de exemplares nos primeiros dias de dezembro de 1905; era feito em condições bem precárias em relação aos recursos gráficos. Em 13 de novembro de 1905, apareceu o Natchalo (Início), órgão político que fundou com os mencheviques.

Essa vida atribulada de Trotsky no calor da revolução de 1905 é descrita por Isaac Deutscher: *"Das assembléias, Trotsky corria a seus escritórios nas oficinas de redação, pois dirigia e codirigia três jornais. O Izvestia do Soviet aparecia em intervalos irregulares e era produzido com ingênua valentia (...). Além disso, Trotsky conseguiu, com a ajuda de Parvus, que vivia em Petersburgo, obter o controle do jornal liberal Russkaya Gazeta, que transformou em um órgão popular do socialismo militante. Pouco depois fundou com Parvus e Martov um jornal de grande circulação: Nachalo (Início), visto como porta-voz do menchevismo. Na verdade, Nachalo era sobretudo o jornal de Trotsky, pois ele impunha as condições aos mencheviques: o jornal defenderia a 'revolução permanente'"*.

Preso na repressão à insurreição de 1905, Trotsky é novamente deportado para a Sibéria, em 1907, e novamente consegue fugir de lá. Passa a viver em Viena, na Áustria, de onde, a partir de outubro de 1908, Trotsky começou a

publicar em russo o jornal Pravda (A Verdade). O jornal aparecia duas vezes ao mês e estava destinado aos operários, entre os quais teve muito sucesso. A publicação durou três anos e meio, e apesar de ser apenas bimestral, exigia um trabalho enorme e cansativo, porque a correspondência secreta com a Rússia levava muito tempo.

Quatro anos depois, os bolcheviques começaram a publicar em São Petersburgo um jornal com o mesmo nome. Trotsky responsabilizou o bolchevismo pelo plágio, e deixou de publicar o Pravda em Viena. Mas depois passou a colaborar no Pravda publicado sob a direção de Lênin.

A partir de 1912, com a iminência da Primeira Guerra Mundial, Trotsky começa a trabalhar como jornalista no Kievskaia Mysl (O Pensamento de Kiev), que lhe ofereceu um cargo de correspondente de guerra nos Bálcãs.

Nos anos de 1912 e 1913, Trotsky se dedicou a estudar a situação política e social na Sérvia, Bulgária e Romênia. Aí ele aprendeu muito sobre a guerra, cujas lições lhe seriam úteis não só em 1914, mas também em 1917. E o jornalismo foi a forma que ele encontrou para melhor expressar suas idéias, colocando suas matérias a serviço da luta contra a guerra.

Isaac Deutscher lembra que, para falar da guerra, Trotsky narra as aventuras de um único soldado, revelando por meio delas todo o horror dos campos de batalha. No texto intitulado O Sétimo Regimento de Infantaria da Epopéia Belga, escrito em 1915, Trotsky descreve as experiências de De Baer, um estudante de direito da Universidade de Lovaina que concentra em si mesmo todo o drama da Bélgica invadida e ocupada. Trotsky acompanha sua saga desde o início da guerra, as batalhas, os cercos, as escapatórias, o nascimento do patriotismo entre o povo invadido, os absurdos da guerra. O estudante sofre espantosos tormentos nas trincheiras e, enviado a um hospital na França, se descobre que é muito míope para ser soldado e é dispensado. Abandonado pelas forças militares em um país estranho, não consegue emprego; e quando Trotsky o conhece, ele está passando fome e vestindo trapos. Com o foco centrado em De Baer, Trotsky reproduziu o drama vivido por milhões de jovens soldados como ele, e, com isso, não fez demagogia, apenas mostrou o absurdo da guerra.

Enquanto a guerra assolava a Europa, Trotsky escreveu em Zurich o folheto A Guerra e a Internacional, um dos primeiros documentos marxistas de caráter antibelicista. Nesse texto, dirigido em primeiro lugar contra os social-democratas alemães, ele explica que o dever dos socialistas era defender uma paz democrática, sem anexações ou indenizações, pela autodeterminação das nações oprimidas.

Em janeiro de 1917, Trotsky vai para Nova Iorque, nos Estados Unidos. Lá colabora com a redação do Novy Mir (O Novo Mundo), que tinha como redatores Nikolai Bukarin, Alessandra Kolontai e V. Volodarsky. Escreve uma série de artigos analisando a revolução russa. Comparando esses artigos de Novy Mir com as cartas que Lênin escreveu na mesma época (as Cartas de Longe), que enviava de Zurique a Petrogrado, percebe-se a concordância com a análise e as perspectivas da revolução russa.

Em março de 1917 Trotsky volta para a Rússia e publica artigos no semanário que fundou: Vperiod (Adiante), órgão dos membros da Organização Interdistrital. O jornal apareceu até que a organização dos internacionalistas ingressou no Partido Bolchevique, tendo atingido os 16 números.

Vitoriosa a Revolução de Outubro, Trotsky é nomeado Ministro da Guerra e passa grande parte do tempo viajando por todo país num trem blindado. No trem, além das atividades militares, ele escreveu muito e publicou um jornal chamado V Puti (No Caminho), onde diariamente se noticiava as ações e as batalhas ocorridas.

Acostumados a serem tratados pela imprensa burguesa como ignorantes, os trabalhadores, quando encontram um jornal que os trata como o que realmente são - sujeitos -, tendem a ouvir melhor as suas idéias

Servindo ao leitor

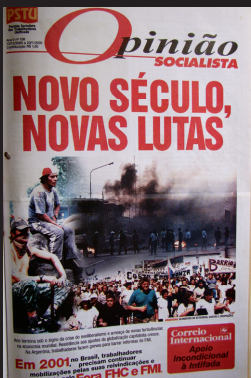
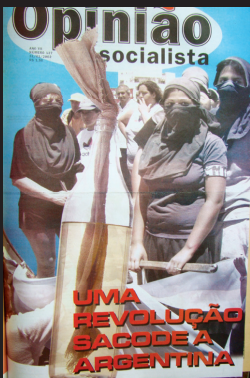
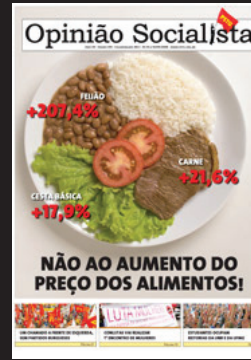
Os jornais de Trotsky sempre faziam muito sucesso. *"Isso não surpreende a ninguém que revise as coleções dos jornais e os compare: os jornais de Trotsky tinham muito mais brilho e força de expressão"*, diz Deutscher em O Profeta Armado. Mas por que seus jornais atraíam tanto os leitores?

Logicamente, são inúmeros os fatores que podem nos levar a fazer um jornal atraente e escrever belos textos. No entanto, um deles é imprescindível: a sensibilidade para com os problemas humanos. Trotsky gostava de dizer que seus jornais não serviam para explicar nada ao leitor, mas sim, serviam ao leitor.

Acostumados a serem tratados pela imprensa burguesa como ignorantes, objetos descartáveis, imbecis que precisam ser educados, os trabalhadores, quando encontram um jornal que os trata como o que realmente são - sujeitos -, tendem a ouvir melhor as suas idéias e a sentir que ali está alguém que se interessa por eles.

"Caros colegas jornalistas: o leitor lhes suplica que evitem dar-lhes lições, fazer sermões ou serem agressivos, mas sim, que descrevam clara e inteligivelmente o que se passou, onde e como. As lições e as exortações ressaltarão por si mesmas", aconselha.

A preocupação em escrever de forma clara, saber relacionar os fatos entre si e baixar tudo à terra, com exemplos concretos, eram outros atributos do jornalismo de Trotsky. Ele não usava o jornal apenas como agitador, no sentido de abrir suas páginas para noticiar fatos ou agitar bandeiras. Seus jornais eram fundamentalmente órgãos de propaganda. Ele escrevia artigos que tinham uma carga explicativa muito grande.

Em síntese: para Trotsky é preciso fazer um jornal para um leitor vivo, desperto para a luta diária pela vida e para os problemas políticos. O leitor tem necessidade de que se manifeste interesse por ele, ainda que nem sempre ele saiba exprimir esse desejo. Foi movido por essa idéia e com esse leitor em mente que ele conseguiu fazer jornais socialistas que se esgotavam no ato, disputados avidamente por operários, soldados e camponeses, estivessem onde estivessem.

Cai Palocci: primeira grande derrota do governo Dilma

EDUARDO ALMEIDA, da redação

A demissão de Palocci é uma expressão de uma mudança na conjuntura e a primeira grande derrota de Dilma. No início do ano havia uma combinação de alta popularidade, crescimento econômico e maioria absoluta no parlamento. O crescimento econômico segue existindo. Seguramente Dilma ainda tem popularidade elevada, mas a conjuntura mudou.

Por um lado, entre os trabalhadores, um mal estar vem crescendo. O crescimento econômico vem junto com a inflação e um ritmo infernal de trabalho nas empresas. A resultante é um surto de greves salariais no país. Não é um ascenso generalizado, mas envolve setores importantes dos trabalhadores. A mobilização dos bombeiros no Rio de Janeiro é uma de suas expressões mais radicalizadas.

Por outro lado, existe uma crise nas alturas, uma divisão interburguesa, que se manifestou na derrota do governo na votação do código florestal e na crise de Palocci. Foi essa combinação de lutas salariais e crises políticas que gerou uma nova conjuntura no país.

O "MISTÉRIO" DA MULTIPLICAÇÃO DO DINHEIRO

Palocci ganhou R$ 20 milhões só em 2010. Muitas vezes uma cifra tão alta não pode ser dimensionada com clareza. Mas isso corresponde ao que um trabalhador que ganha salário mínimo levaria três mil anos para receber.

É evidente que a "empresa de consultoria" de Palocci é uma fachada para esconder o tráfico de influência para conseguir vantagens e informações privilegiadas para grandes empresas. Assim são obtidos empréstimos dos bancos estatais, vitórias em concorrências, favores fiscais, perdão nas dívidas, etc. Não é por acaso que Palocci multiplicou seu dinheiro quando foi um dos coordenadores da campanha presidencial de Dilma. Nem o governo, nem o PT, nem Palocci conseguem explicar a origem do dinheiro por um motivo simples. Essa é uma das formas mais descaradas de corrupção.

Palocci foi uma das figuras-chave do escândalo do mensalão. O governo Lula conseguiu abafá-lo, recompor sua popularidade e eleger Dilma. Mas isso não aconteceu com todos os envolvidos. José Dirceu, José Genoíno e Palocci, por exemplo, tiveram sua reputação manchada. Esses petistas, que poderiam ter sido candidatos à sucessão de Lula (bem antes de Dilma), terminaram queimados para concorrer a cargos majoritários. Palocci chegou a ser cogitado como candidato ao governo de São Paulo. Mas, depois de pesquisas, o próprio PT retirou seu nome.

Mas isso não impediu que mantivesse seu prestígio com Lula e quadros dirigentes do PT. Por isso, ele voltou como uma espécie de primeiro-ministro de Dilma, encarregado das relações com os partidos e da nomeação dos milhares de cargos no governo.

Nos primeiros meses, em que o governo surfava em condições quase ideais, Dilma simplesmente impunha suas posições por meio de Palocci. Isso ficou evidente na votação do salário mínimo, assim como na discussão sobre os cargos do governo. Essa prática gerou muita insatisfação nos partidos da própria base governista. Não é por acaso que Palocci, que atuava como um primeiro-ministro, virou o alvo da crise.

A OPOSIÇÃO BURGUESA SE "ESCANDALIZA"

O escândalo não é produto da corrupção. Esta é real e existe tanto com Palocci como no PMDB, PSDB, DEM e todos os outros partidos. O objetivo das denúncias é enfraquecer um pouco Dilma, para que governe como fazia Lula, em negociações diretas e explícitas de cargos e favores com os partidos.

A hipocrisia é parte da política burguesa. O DEM está atolado até hoje nos escândalos de corrupção do governo Arruda em Brasília. O PSDB está manchado não só pelas negociatas nas privatizações de FHC, mas pela atual corrupção em grande escala no Rodoanel de São Paulo. O PMDB do vice-presidente Temer é o partido de Sarney, Jader Barbalho e um longo etcétera. Todos estes partidos fazem exatamente o mesmo que Palocci. O que está acontecendo é só parte de uma disputa interburguesa, usando os meios de comunicação de massa e muita hipocrisia.

Essa crise nas alturas afeta Dilma, que não é como Lula. O ex-presidente tinha uma autoridade própria, que o livrava dos desgastes das crises políticas. Além disso, é um líder acostumado às negociações, terreno que não é o de Dilma. Lula teve de entrar em cena, costurando o acordo do recuo do governo em relação ao kit anti-homofobia, para evitar que a bancada evangélica convocasse Palocci para depor no Congresso. Agiu como ponto de apoio para Dilma, mas explicitou sua maior fragilidade.

Prisão e expropriação dos bens de Palocci e de todos os corruptos!

A demissão de Palocci deve terminar com essa crise política. Mas não vai acabar com o desgaste já existente. E muito menos com a desconfiança generalizada sobre a corrupção no governo. É preciso avançar com a prisão e a expropriação dos bens de Palocci e de todos os corruptos e corruptores.

Prefeitura de Campinas é exemplo de corrupção

SILVIA FERRARO, de Campinas (SP)

A prefeitura de Campinas (SP) tem sido notícia pelos atuais escândalos de corrupção, envolvendo vários secretários, a esposa do prefeito Hélio (PDT) e também o vice-prefeito Demétrio (PT).

Através das investigações do Ministério Público Estadual foi desvendada uma verdadeira quadrilha que fraudava contratos da Empresa de Abastecimento de Água de Campinas.

O MP aponta que os contratos eram superfaturados e as licitações favoreciam empreiteiras. A principal suspeita é de que a esposa do prefeito fazia os contratos superfaturados com as empresas escolhidas por meio de licitações fraudulentas. Em troca todos recebiam propinas. Fala-se da cifra de R$ 615 milhões.

Das 20 pessoas indiciadas, 13 foram presas, incluindo o vice-prefeito Demétrio. A esposa do prefeito só não foi presa em razão de um habeas corpus. Todos já foram soltos e continuam respondendo o processo. Alguns ainda se encontram foragidos.

A partir dessas denúncias, a oposição de direita do PSDB entrou com um pedido de impeachment do prefeito na Câmara de Vereadores.

As denúncias e as prisões estouraram no momento em que funcionalismo municipal realizava sua greve. A palavra de ordem "Fora Hélio" foi incorporada pelos grevistas. A greve durou 19 dias, mas as reivindicações dos servidores só foram atendidas parcialmente, mostrando que além das corrupções o prefeito Hélio despreza as reivindicações dos servidores.

O PSTU não confia na Câmara e nem na oposição de direita. Eles querem apenas tirar proveito eleitoral da situação, mas o próprio governo do Estado, do PSDB, está metido também em corrupção, como no metrô. Por isso somente a mobilização dos trabalhadores e do povo de Campinas poderá derrubar Hélio e exigir a convocação de novas eleições. ■

“A categoria voltou a acreditar nas suas próprias forças”

Os metroviários acabam de realizar uma forte campanha salarial em que bateram de frente com a direção do Metrô, o governo estadual e a Justiça. O Opinião Socialista conversou com Altino Prazeres, presidente do Sindicato dos Metroviários de São Paulo

DA REDAÇÃO

QUAL A SUA AVALIAÇÃO DA CAMPANHA SALARIAL?

Foi uma campanha que retomou a participação da categoria. Assembleias massivas como há muitos anos não se via, reuniões de negociação com ampla participação da base chegando a ter mais de 120 metroviários, e grande adesão ao uso do colete com o slogan ‘Chega de Sufoco’. Só no mês de maio lançamos 4 cartas abertas à população, defendendo a redução da tarifa do transporte de São Paulo, denunciando a superlotação do metrô. Exigimos também mais investimentos no metrô público, estatal e de qualidade e, por fim, conseguimos avançar além do limite imposto pelo governo.

QUAIS FORAM OS AVANÇOS CONQUISTADOS PELOS METROVIÁRIOS DURANTE A NEGOCIAÇÃO?

Conseguimos reajuste de 8%, Licença Maternidade de 180 dias, o vale-alimentação que passou de R$ 100 para R$ 150, e participação nos resultados que teve um aumento médio de 10%. Avançamos também em questões como o reenquadramento de algumas funções e na equiparação salarial, entre outros temas.

KIT GAION

Altino Prazeres fala durante a assembleia

HAVIA UMA EXPECTATIVA DE QUE OS METROVIÁRIOS ENTRARIAM EM GREVE, POR QUE ISSO NÃO OCORREU?

As assembleias cresciam e marcamos greve para 1º de junho. Quando entramos na quadra da assembleia recebemos a informação que os ferroviários e trabalhadores da Sabesp votaram greve para o mesmo dia. Aí a oportunidade era histórica, os ferroviários há 16 anos que não entravam em greve e poderíamos juntos pressionar o governo. Além disso, a Emtu e rodoviários do ABC também marcaram greve. O reajuste oferecido pelo Metrô era de 7,77%. Mas a Intersindical, que é parte importante da diretoria, defendeu fechar o acordo. E a empresa propôs no meio da assembleia o reajuste 8%. Continuamos defendendo a greve para pressionar o governo com a unificação das categorias. A assembleia se dividiu. Se toda a diretoria estivesse unificada pela defesa da greve, a insegurança seria superada e teríamos uma greve histórica de todo o sistema metroferroviário. Diante disso defendi que, com a categoria dividida, era melhor adiar a greve.

ESSA FOI A PRIMEIRA CAMPANHA SALARIAL DIRIGIDA PELA NOVA DIRETORIA ELEITA ANO PASSADO. QUAL FOI A DIFERENÇA ENTRE AS CAMPANHAS ANTERIORES?

A principal diferença foi a categoria voltar a acreditar nas suas próprias forças, com ampla mobilização, participação em todas as atividades, principalmente das assembleias. Dialogamos com a população, defendendo uma outra visão de transporte para o caos instalado na cidade. Também conseguimos construir um trabalho com os três sindicatos dos ferroviários que atuam na CPTM. Os trabalhadores perceberam que o sindicato estava de volta às suas mãos.

Movimento **Petroleiros**

Petroleiros estão construindo uma nova direção

Além das vitórias no sindicato de Alagoas e Sergipe e no do Rio de Janeiro; oposição consegue 44,4% no Norte Fluminense, principal pólo de exploração do petróleo

AMÉRICO GOMES, do Ilaese

Os resultados nos sindicatos demonstram que em todo o país os petroleiros estão construindo uma nova direção operária. Após a suada vitória no Sindipetro-RJ, os petroleiros que são oposição à Federação Única dos Petroleiros (FUP) tiveram uma vitória estrondosa no sindicato de Alagoas e Sergipe. A chapa ligada a Federação Nacional dos Petroleiros (FNP) e a CSP-CONLUTAS ganhou com 87% dos votos, vencendo em todas as urnas, desde o setor administrativo da Petrobras, passando pela área operacional até os terceirizados e aposentados. De ponta a ponta.

Clarkson Messias, diretor da entidade, considera a vitória espetacular. “Demonstrou que melhoramos o trabalho de base, ainda que não seja o ideal. Defendemos os direitos dos trabalhadores da Petrobras e o das contratadas. Também foi uma demonstração que a base concorda com nossa política. A chapa era conhecida por uma oposição intrasigente à FUP e ao sindicalismo governista. Os trabalhadores que votaram sabiam que lutamos contra o Marco Regulatório do Petróleo do governo Lula e continuaremos lutando contra os leilões, por exemplo. Enfim, estamos credenciados para lutar por suas reivindicações”, comemora.

Uma das propostas da chapa é uma greve petroleira nacional, no dia do 11º Rodada de Leilão dos poços. A rodada está confirmada pelo governo Dilma e a previsão é que ocorra em setembro.

ALTERNATIVA NO NORTE FLUMINENSE

As eleições do Sindipetro-NF tiveram 5.159 votantes, sendo que 2.696 escolheram a Chapa 1 (CUT/FUP) e 2.124 a Chapa 2, que somou 44,4% dos eleitores. A eleição foi marcada por imensa desigualdade de recursos entre as chapas e grande parte da categoria não pôde votar, por não ser sindicalizada.

Mas o resultado demonstrou a vontade de mudança. Durante toda a campanha, membros da Chapa 2 ouviam declarações de apoio. A simpatia com a oposição vinha da luta pelo fim das PLR`s desiguais, contra a insegurança nas plataformas, o assédio moral, os leilões do petróleo e os acordos rebaixados.

O resultado é muito importante para toda a categoria. A região é o principal pólo produtor de petróleo. Segundos dados de abril deste ano, o Campo de Roncador, na Bacia de Campos, foi o que extraiu a maior quantidade de petróleo do país. É lá onde está a plataforma campeã de produção, a P-52, produzindo 138 mil barris por dia, em média.

UNIDADE

A eleição no Sindipetro-NF significou um avanço importante. Petroleiros de todo o país começam a enxergar a necessidade de construir uma nova unidade nacional, verdadeiramente de luta, independente dos governos e dos patrões. Para além das direções dos sindicatos, a categoria percebe a necessidade de se organizar, de formar oposições e de apostar na sua própria mobilização. E agora se prepara para as eleições no Sindicato Unificado de São Paulo, na Bahia e no de Duque de Caxias (RJ). ■

Trabalhadores da CSN fazem greve histórica

Durante cinco dias os 2.400 funcionários da Mina Casa de Pedra em Congonhas (MG) enfrentaram e venceram a intransigência e truculência de Benjamin Steinbruch

HERMANO ROCHA, de Belo Horizonte (MG)

Trabalhadores em assembleia na CSN

Eram 5h30 do dia 26 de maio, em uma manhã fria e com neblina, quando os trabalhadores da CSN começaram a chegar ao transbordo da Mina Casa de Pedra para a assembleia que decidiria os rumos do acordo coletivo 2011.

Os trabalhadores já haviam demonstrado disposição de luta, em uma paralisação de 24h ocorrida na mesma semana. Agora restava saber se aguentariam a pressão de uma greve por tempo indeterminado.

O Sindicato Metabase Inconfidentes acreditava que a greve passaria, mas precisava preparar os trabalhadores para as dificuldades que teriam que enfrentar.

O COMBINADO

"Votada a greve, fiquem em casa, não entrem nos ônibus para trabalhar; desliguem os telefones, para que nenhum 'chefe mala' pressione vocês a trabalhar. Se o sindicato fizer a sua parte e vocês fizerem a de vocês, nossa greve tem tudo para ser vitoriosa".

Com este combinado, a greve foi aprovada com 70% dos votos nas assembleias que ocorreram ao longo do dia.

O sindicato aguardou então o melhor momento para deflagrar a greve. Seria na madrugada de sexta para sábado, às 5h da manhã, "letra A" pegando serviço (a melhor turma). E assim foi. Durante todo o fim de semana os turnos foram parando um a um e aderindo à greve. Pouca gente entrava nos ônibus para trabalhar e os que entravam, desciam assim que chegavam aos piquetes. A greve começou forte no setor da produção!

Enfrentando a truculência da CSN

Na segunda-feira começaria a batalha para que o setor administrativo aderisse à greve. Era um momento importante. A CSN começou então a sua contraofensiva.

Com uma liminar obtida no final de semana em Barbacena, a CSN impôs um interdito proibitório que determinava que o sindicato não poderia fazer mais piquetes, nem parar os ônibus.

A Polícia Militar se alinhou à empresa e impôs a passagem dos ônibus pelos piquetes através da força. Uma parte do administrativo entrou. Outra parte ficou em casa.

No dia seguinte a luta continuava. A empresa ligou para a casa de todos, dizendo que quem não entrasse nos ônibus seria demitido ou perderia benefícios. Colocou seguranças armados dentro dos ônibus. Convenceu alguns trabalhadores a dormirem dentro da mina e impediu outros de voltar para casa. Contratou 150 seguranças para intimidarem a peãozada.

Um momento dramático da greve em que era preciso apelar para a opinião pública.

GANHANDO O APOIO DA POPULAÇÃO

Centenas de grevistas e apoiadores de todo o estado, organizados pela CSP-Conlutas, desceram para o Monteirão, que se transformaria na praça central da greve. Ali, começaram a discutir com a população que na greve estava em jogo uma parte do futuro da cidade.

As mineradoras estão destruindo Congonhas. Destroem serras, acabam com mananciais de água, poluem a cidade com poeira e rejeitos, e a riqueza extraída vai toda para os acionistas, nada para os trabalhadores e a população; a cidade não comporta mais a expansão das empresas e sofre com falta de moradia, escolas, saúde pública e saneamento.

Foi assim que toda a cidade passou a apoiar a greve e isolou a CSN. Associações de moradores, igrejas, estudantes, trabalhadores da saúde, vereadores e até a prefeitura falaram em apoio à greve. A população trazia comida e água para os piquetes, e vereadores entraram na mesa de negociação do lado dos grevistas. Foi aí que a CSN começou a perder a greve.

UMA GREVE HISTÓRICA

Na quarta-feira saiu uma proposta de acordo. Não era o que os trabalhadores queriam, mas uma nova proposta: 8,3% de reajuste, R$ 250 de cartão alimentação, nenhuma punição aos grevistas. Tínhamos dobrado a CSN.

Foi realizada então uma grande assembleia em que os trabalhadores aprovaram o acordo e voltaram ao trabalho. Mais do que a vitória (parcial) econômica, ficou a lição da greve: é possível lutar e é possível vencer!

Desde 1988 não havia uma greve na CSN. Uma nova categoria, de jovens totalmente inexperientes, mas com muita disposição de luta, enfrentou e venceu a empresa. Por isso esta foi uma greve histórica, que poderá se espalhar como um rastilho de pólvora por toda a região.

O minério tem que ser nosso!

O PSTU participou ativamente da greve da CSN. Estivemos nas reuniões do comando, na linha de frente dos piquetes, nas manifestações.

Mas a maior vitória para o PSTU foi ter lançado a campanha "O minério tem que ser nosso" como uma discussão importante na greve. Isso ajudou a evitar o isolamento do movimento e pressionou a CSN a negociar.

Agora, o desafio é organizar um comitê da campanha na cidade, para discutir os royalties sobre a mineração; a defesa da Serra Casa de Pedra; o combate à poluição; a necessidade de investimentos em infraestrutura e agregação de valor ao minério.

A semente foi lançada, mas a luta continua!

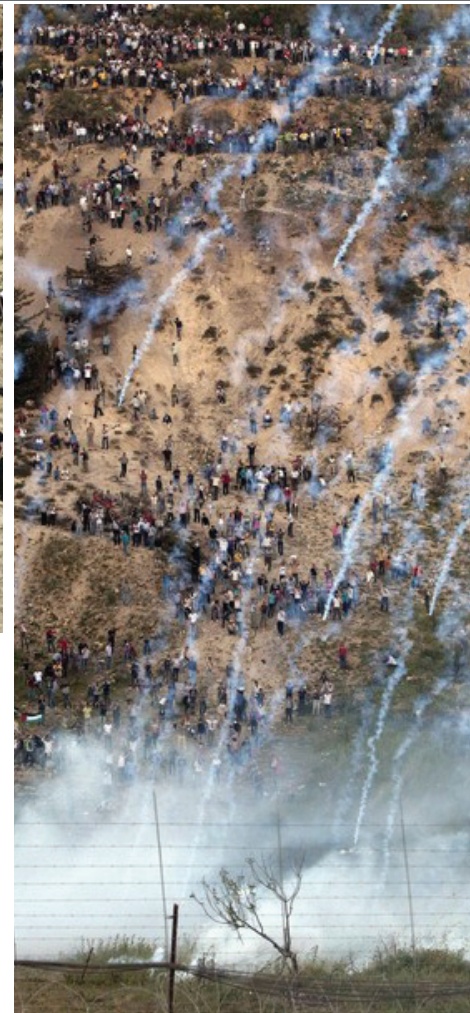
Petroleiros

Ato na ABI tem a presença da polícia

Queremos o Pará para os trabalhadores!

O Congresso Nacional aprovou a realização de um plebiscito para decidir sobre a divisão do Pará em três estados. Respeitamos e concordamos com a opinião e o sentimento dos trabalhadores de todo o estado do Pará, em particular das regiões sul, sudeste e oeste em relação à incompetência do governo do estado em garantir emprego, terra, saúde, educação e saneamento para todos. No entanto, essa é uma realidade para a maioria dos trabalhadores de todo o Pará. Somos contrários à divisão do estado e chamamos os trabalhadores paraenses, de todas as suas regiões, a votarem contra a divisão.

Quem manda em nosso estado são as multinacionais, como a Vale e a Cargil, e um punhado de latifundiários e mega-empresários. A divisão do estado é uma proposta dos latifundiários e das multinacionais que controlam o campo paraense. Ao contrário, do que se pensa, a divisão do estado irá aprofundar a miséria e o caos no interior do Estado, pois a maior parte do orçamento dos possíveis estados de Carajás e Tapajós será, caso seja aprovada a divisão, para garantir a própria máquina administrativa desses estados (a criação do poder Executivo, Legislativo e Judiciário). Os mais prejudicados com a divisão do Estado serão os trabalhadores, de todas as regiões do Estado, pois faltarão verbas para sãs áreas sociais que serão consumidas pelos políticos corruptos da região.

- Não à divisão do Pará!
- Queremos o Pará unido para os trabalhadores!
- O minério tem que ser nosso! Pelo aumento dos royalties da mineração de 2% para - - -10% rumo à reestatização da Vale!
- Reestatização sob controle dos trabalhadores da CELPA e das multinacionais que exploram nossas riquezas!
- Reforma Agrária já!
- Por um governo socialista dos trabalhadores! ■

NO ÚLTIMO DIA 5, tropas de Israel abriram fogo contra manifestantes sírios e palestinos que tentavam cruzar a linha de cessar-fogo nas colinas de Golã, ocupadas por Israel. A ação de Israel deixou pelo menos 18 mortos e 225 feridos.

Revolução árabe entra na Palestina

GABRIEL MASSA, de Buenos Aires *

Israel comemora 10 de maio como a data de sua "independência". É o aniversário do dia em que as Nações Unidas, em 1948, decidiram dividir a Palestina em dois Estados, outorgando 54% do território para Israel. Naquele momento mais de 700 mil palestinos foram expulsos de suas terras, em uma ofensiva assassina, na qual milhares foram massacrados pelos sionistas.

Os palestinos recordam esses eventos como a "Nakba", o desastre. Todos os anos são realizados atos convocados por organizações palestinas dentro e fora de Israel. Neste ano, porém, houve mobilizações ainda maiores. Milhares de palestinos marcharam sobre a fronteira de Israel nas colinas do Golã, na Síria, Líbano, Gaza e Cisjordânia. A resposta das tropas israelenses foi brutal, assassinando 21 palestinos e ferindo quase 200, segundo a imprensa internacional.

AS MOBILIZAÇÕES DE MARÇO

O salto das ações na comemoração da Nakba ocorre após as mobilizações massivas realizadas em março na Cisjordânia e em Gaza. Os protestos exigiam que a Autoridade Palestina (que governa a Cisjordânia por meio de Mahmud Abbas) e os dirigentes da corrente islâmica Hamas (que governa Gaza) terminassem com seus confrontos e se unissem para enfrentar Israel.

Essas mobilizações deram resultado quase imediato: obrigaram as direções da Fatah e do Hamas a chegar a um acordo, o que veio acompanhado da decisão do novo governo egípcio de abrir sua fronteira com Gaza (fechada pela ditadura Mubarak em 2006, colaborando com o bloqueio israelense). Esses sucessos alimentaram o avanço da mobilização palestina.

A "RECONCILIAÇÃO" ENTRE HAMAS E FATAH

Sob a supervisão do governo transitório egípcio, no dia 4 de maio o chefe da Fatah, Mahmoud Abbas, e o líder do Hamas, Khaled Meshal, assinaram no Cairo um "acordo de reconciliação".

Segundo diferentes fontes, o Hamas aceitaria que Abbas continue como presidente da Autoridade Palestina e siga negociando acordos de segurança com Israel.

Abbas e a Autoridade Palestina têm se alinhado como aliados de Israel há anos e têm colaborado com o bloqueio e os ataques sionistas à Faixa de Gaza. O Hamas, por sua vez, vinha recusando a perspectiva de um "Estado independente" negociado com Israel e os Estados Unidos por Abbas. Denunciava a Autoridade Palestina por seu papel cúmplice no bloqueio a Gaza em conjunto com a ditadura egípcia de Mubarak.

Junto com as mobilizações de março em Gaza e na Cisjordânia, um fator importante que promoveu a "reconciliação" foi sem dúvida a queda de Mubarak. Seu governo era muito importante para sustentar a orientação de Abbas de abandonar toda política de confronto e entrar nas negociações de paz com Israel e os EUA. Por outro lado, o bloqueio a Gaza por parte de Israel seria impossível se Mubarak não tivesse mantido fechada também a fronteira com a região.

Após a queda do ditador, o novo governo egípcio, mesmo que tenha ratificado o acordo de paz com Israel, anunciou em fins de abril que daria alguns passos para a reabertura de sua fronteira com Gaza. Imediatamente foi cogitada a reunião de "reconciliação" de todas as facções palestinas no Cairo.

Diante do acordo de reconciliação entre as frações palestinas, o premiê israelense Benjamín Netanyahu declarou: "A Autoridade Palestina deve escolher a paz com Israel ou a paz com o Hamas, não há nenhuma possibilidade de paz com ambos".

UM ACORDO PARA CONTROLAR A REVOLUÇÃO

A "reconciliação" foi recebida claramente como um triunfo pelas massas palestinas. E isto sem dúvida alentou a massiva participação em maio nas marchas realizadas nas fronteiras com Israel.

Ao mesmo tempo, o acordo entre Hamas e Fatah tem um aspecto muito contraditório. Noura Erakat, advogada palestina no exílio e professora do centro de estudos árabes contemporâneos da universidade de Georgetown, em Washington, publicou um extenso artigo no qual diz: "A reconciliação entre Hamas e Fatah pode representar a primeira vitória do nascente movimento juvenil palestino do dia 15 de março." Mas "se poderia dizer que a formação de um governo de unidade é uma tática preventiva para tratar de conter o crescente descontentamento palestino e a crescente relevância dos protestos juvenis, em uma Primavera Árabe". De fato, no dia do anúncio (da reconciliação), forças de segurança do Hamas dispersaram violentamente cerca de cem jovens que celebravam na Praça do Soldado Desconhecido, em Gaza.

Em síntese, a "reconciliação" entre Hamas e Fatah alentou a mobilização das massas palestinas. Mas estas direções estão tratando de converter este acordo em um instrumento para que o povo palestino aceite algo que vai na contramão de seus próprios interesses.

FALTA UMA NOVA DIREÇÃO PALESTINA

Nós da Liga Internacional dos Trabalhadores (LIT-QI) sustentamos que a única perspectiva para defender realmente os direitos do povo palestino (que estava inscrita na bandeira original da OLP) é a luta pela destruição do Estado de Israel e pela construção de um Estado palestino laico, democrático e não racista, em todo o território da Palestina.

Os jovens que pediram a unidade de Hamas e Fatah já estão começando a ver que essas direções não oferecem nenhuma saída. Pelo contrário. Só buscam os enganar e controlar. Para cumprir suas aspirações, as novas gerações de jovens ativistas palestinos independentes que saem à luta sob a influência da revolução árabe terão que tomar em suas mãos a velha bandeira da OLP. Para isso, precisarão construir uma nova direção, que retome o caminho da luta intransigente pela destruição do Estado sionista e pela construção de um Estado palestino laico em toda a Palestina, batalha abandonada tanto pela Fatah como pelo Hamas. Neste sentido, terão que enfrentar também o engano, abençoado pelos EUA e pela ONU, de um pseudoestado palestino nos territórios ocupados. ■

* Artigo publicado em Correio Internacional (Nova Época) nº 5